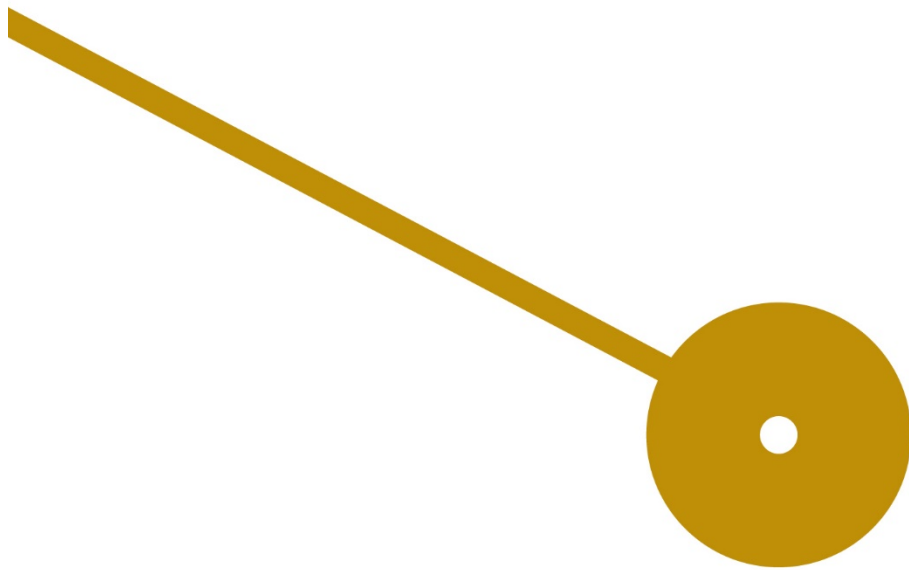
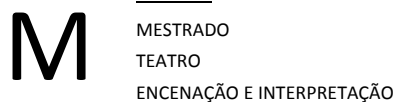


# Vejo os Olhos que a Viram

Marta Vaz Ferreira

09/2017





# Vejo os Olhos que a Viram

Marta Vaz Ferreira

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teatro, especialização Encenação e Interpretação

Professor(es) Orientador(es)  
Professora Doutora Cláudia Marisa

09/2017

Dedico este trabalho,

à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão por serem o pão que alimenta os meus sonhos. À Beatriz, à Brígida e ao Rui por me proporcionarem uns novos olhos para observar a arte, e a todos aqueles que se cruzaram no nosso caminho, e fizeram viver este percurso. E por último, a todas as pessoas, para quem este trabalho viverá para sempre.

## **Agradecimentos**

à minha Orientadora Cláudia Marisa,  
a todos os professores do mestrado,  
à Beatriz Silva por ser o meu corpo e os meus olhos na arte, e por  
nunca largar a minha mão,  
Ao Rui Sá Pelo Olho singular,  
à Brígida de Sousa pela paz na tempestade,  
à Mariana Duarte pela generosidade,  
Ao João Fontinha pela paciência que nunca se esgotou,  
à minha Madrinha de faculdade, que um dia me disse, com amor  
podíamos ser o que nós quiséssemos.

**Resumo**

Dar luz as minhas memórias e pintar a partir daí uma tela onde outros se pudessem olhar. Tinha como anseio conceder ao público um par de olhos para olhar para dentro da minha pele e descobrir uma nova singularidade, um pormenor novo, sobre eles próprios. A minha intenção era levar o público a sentir-se perante o seu próprio reflexo refletido no rio. Quis partir de mim, da minha própria história, para levar os outros a pensarem e a questionarem-se sobre eles mesmos e o seu caminho. Parti então de códigos presentes no meu universo biográfico, nas minhas memórias pessoais. Mascaradas de metáforas que usei para falar sobre esses meus acontecimentos tão íntimos. A criação partiu a partir desse guião sobre mim mesma, na esperança que sobre ele pudéssemos construir outra história. Essa narrativa, resultaria da reunião de outros microuniversos biográficos dos intervenientes do processo, onde pudesse existir uma linguagem comum que ligasse todas as nossas intimidades expostas no objeto artístico. Na ânsia de criar imagens que ilustrassem pormenores específicos, isolados, baseei-me na tentativa de isolar momentos determinados na minha encenação. Era meu interesse provocar um novo foco de olhar no espectador, então propus-me a fazer um retrato daquilo que me está colado à pele, permitindo-me ser vulnerável perante um público, na sua maioria desconhecido, levando-lhes o resultado de um produto final que se faz valer pelo processo criativo e não pelo objeto final em si.

**Palavras-chave**

Trabalho coletivo, memórias, intimidade, auto questionamento, processo de criação, corpo biográfico.

**Abstract**

Give light to my memories and paint from there a screen where others could look. I had the desire to give the audience a pair of eyes to look into my skin and discover to discover a new singularity. A new detail about themselves. My intention was to get the audience to feel their own reflection reflected in the river. I wanted to start from myself, from my own story, to lead others to think and to question themselves and their way. I then departed from codes present in my biographical universe, in my personal memories. Masquerades of metaphors that I used to talk about these my intimate events. The creation started from this script about myself, hoping that on it we could build another story. This narrative would result from the meeting of other biographical micro universes of the actors in the process, where there could be a common language that would bind all our intimacies exposed in the artistic object. In the eagerness to create images that illustrate isolated specific details I was based thus on the attempt to isolate determined moments in my Staging. It was my interest to provoke a new focus from looking at the viewer. I then proposed to make a portrait of what is glued to my skin, allowing me to be vulnerable to a mostly unknown public, leading to the result of a final product that is enforced by the creative process and not by the final object in itself.

**Keywords**

Collective work, Memories, Intimacy, Self-questioning, creation process, biographical body.

ESMAE  
ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO



## Índice

INTRODUÇÃO.....	1
1. CAPÍTULO I – <b>Uma narrativa de memórias: Sobre o olhar e as motivações</b> .....	2
1.1. <b>Objeto e abordagem: Como definir o caminho a seguir</b> .....	3
2. CAPÍTULO II – <b>O corpo e a memória: Em contexto de laboratório</b> .....	4
2.1. <b>Corpo é imagem: O efeito catarse</b> .....	6
2.2. <b>A definição de uma atmosfera própria para a criação: A reação dos intérpretes</b> .....	8
3. CAPÍTULO III – <b>Em Laboratório: “Uma História dentro de outra História”</b> .....	9
3.1. <b>A descoberta de meios úteis para a definição do método: A Fotografia e o Cinema</b> .....	12
4. CAPÍTULO IV – <b>O processo criativo como produto final</b> .....	19
5. CONCLUSÃO.....	20
Bibliografia.....	24
Anexos.....	25

ESMAE  
ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO



## Introdução

Desde que me recordo, que sempre fui fascinada pelo processo de observar. Observar para lá do que olhamos no primeiro segundo, ver mais do que está exposto à partida. Porque é que existe um segundo do qual não nos conseguimos desprender quando olhamos algo? Observar, sempre foi uma maré de curiosidade para mim, uma coisa que não conseguia não fazer naturalmente, equivalia-o à inevitabilidade dos instintos. Por outro lado, a carga de ser um observador, faz-nos desejar a toda a hora que os outros olhos não sonhem ser o alvo da nossa observação. Para poder beber de todos os gestos que o observado faz de forma espontânea, sem saber que está a ser observado. Como se cada envolvido na criação nos permitisse ver um gesto realmente pessoal deles mesmos. Era minha intenção falar de mim e do que está na minha pele, contar uma história, dentro de outra história. Sempre senti a necessidade de deixar este trabalho como algo subjetivo, os códigos deveriam ser interpretados dessa forma, devido à intimidade de cada um envolvido. Para tal, achei que a melhor opção seria assumir este projeto como um *work in progress*. Nunca poderia tratar a experiência vivida em laboratório de uma forma definitiva e fechada. Com esta pesquisa, quis conversar com o meu espelho, quis lembrar todas as coisas que pinteí numa forma tão delicada na minha cabeça que nunca se poderiam apagar. Quis que o público se encontrasse em conversa com as suas próprias memórias quando entrasse neste processo, que tão exposto se tornou para mim e para os intérpretes envolvidos. Parti de mim com esperança que os outros pudessem também ter essa conversa com eles mesmos. Não procurava a interpretação, mas a naturalidade de uma ação gravada na própria pele de quem a vivia a pesquisa em laboratório para "Vertigem" e a fusão na instalação "Catarse", tornaram-se uma necessidade depois deste percurso.

## **I: Uma Narrativa de memórias: sobre o olhar e as motivações**

Sempre me perguntei a mim mesma se o outro olharia para o mundo e veria o mesmo que eu via, questionando-me porquê que designamos os objetos pelos nomes que chamamos, se todos vemos de uma perspectiva diferente?

Desde que existo, a arte sempre fez parte de mim, guardava cada imagem que observava e despertava o meu interesse. Neste instante, tinha vontade que o tempo estagnasse e aquele momento nunca terminasse. Permitia-me observar-me dentro da minha própria memória, criando um terceiro olhar sobre mim, usar-me de metáforas, nas quais o palco permitia-me refugiar. De facto, estava a servir-me da minha história para recontar uma nova narrativa. Uma história que permitisse o público recordar memórias que ficariam gravadas na sua pele. Assim, surgiu-me a necessidade de realizar um trabalho autobiográfico, na qual a ultrapassa-se a denominada obra para teatro.

Quis olhar para algo que fosse além da obra ficcionada, como um convite para olharem os meus olhos e encontrarem-se com o seu próprio olhar. Reunido-se um aglomerado de imagens, na qual pediam de cada uma pessoa um olhar subjetivo, uma vez que este projeto foi alicercado pela subjetividade, onde cada um tinha o seu olhar próprio. A partir deste projeto, quis mostrar uma aproximação da ilustração da nossa intimidade, esperando que o espetador se sentisse a mergulhar para uma posição de terceiro observador dentro da instalação.

Como conseguir uma linguagem cénica comum ás emoções reais de todos os envolvidos no laboratório? Através da obra “Câmara Clara” de Roland Barthes (2012), foi inevitável não conduzir a minha abordagem fundamentada pelo conceito do “Punctum” , que tem por base os detalhes que tocam o espetador na fotografia. Nessas imagens, que criamos para o objeto artístico, procurei essa verdade, que difere de observador para observador, instigado pelas minhas próprias memórias, mesmo sem o saber. Questionei-me sobre o resultado de utilizar essa história, como um produto final de um encontro de memórias resultantes na instalação. O processo iniciou-se com a questão: “Como conseguir uma qualidade de imagem, tão natural e íntima, que levaria o observador a sentir-se dentro da cena apresentada, ao ponto de se atrever a dialogar consigo próprio?”. Acreditei enquanto criadora, que deveria debruçar-me sobre o estudo do pormenor em cena e a sua contribuição para construir toda a minha linha criativa. O objetivo principal deste projeto focou-se na naturalidade das cenas, onde tudo ou seu redor não sofresse qualquer manipulação por todos os envolvidos, tanto intérpretes como técnicos, na qual a sua

essência transborda a espontaneidade e a realidade, tal como o toque desperta sentidos na pele das pessoas em mero instinto.

### **1.1: Objeto e abordagem: Como definir o caminho a seguir?**

Ao debruçar-me sobre os estudos de Roland Barthes (2012) sobre a fotografia conclui, logo após a definição dos objetivos para o laboratório, que a qualidade de imagens pretendida conseguia-se através de algumas técnicas da fotografia e do cinema. Sendo que, o meu interesse passava por trabalhar a minha imagem através das qualidades que a fotografia concedia ao observador, não procurando o olhar geral do espectador guiado pelos trâmites do teatro tradicional. Mas, pretendia trazer para o espetáculo um olhar isolado, no qual o espectador fosse convidado a olhar para onde a sua vontade permitisse, atrevendo a perder-se nos pormenores e a senti-los de diferentes formas consoante o que a sua subjetividade transmitia-lhe. O meu intuito era reproduzir apontamentos de memórias, onde a riqueza do espetáculo vivesse da subtileza e da verdade das respostas dos intervenientes, verificando a resposta de reação do seu corpo e a reprodução dessas memórias.

Reuni um grupo pequeno de pessoas que concretizam o meu projeto de arte. Deste modo, a Beatriz, minha colega no projeto e co-autora do guião que foi estruturado para este laboratório, desempenharia o papel de Spencer, a personagem sobre o qual girava toda a nossa narrativa. A narrativa tem como elemento fulcral as emoções e a mente desta personagem, refletido pela Beatriz no palco, dando vida à personagem do espetáculo da peça. As outras intérpretes seriam a Brígida de Sousa, responsável pela assistência de encenação, cujo o pensamento criativo se completava com o meu. Esta interpretaria também o outro lado da mente da Spencer, uma presença carregada de significados. A Mariana Duarte, que interpretava a Emma, a personificação do Amor para Spencer. A história das duas gira em torno de uma presença ausente de Spencer e de Emma, uma mulher que permanece com interrogações. O responsável pela direção de fotografia, Rui Sá, e cujo o seu olho singular, propiciou muitos exercícios de criação, que partiram da fotografia que realizámos nos ensaios. O João Fontinha, responsável pelo design de luz, ao qual pedi que o desenho girasse em torno de uma luz intimista, não recorrendo a projetores. Por fim, o Carlos Rebelo, responsável pelo design de som, gravou todas as vozes da narrativa da videoarte, e ainda foi responsável por produzir a música original do filme presente na discoteca. Decidimos que não estivesse presente no filme, músicas que não fossem de autoria dos envolvidos no grupo. Com este laboratório, pretendia dar vida à questão da articulação entre a memória e a emoção no intérprete, contaminando o espectador, criando algo com uma forte conotação gráfica, apoiado nos *close ups* que o nosso olho tantas vezes se prende durante todo o nosso caminho.

## II: O corpo e a memória: Em contexto de laboratório

Parti para este projeto com a vontade de investigar as ilustrações que cada sujeito faz face à mesma observação, acabando por associar muitas vezes às suas próprias memórias. A essência do projeto era levar os intérpretes numa viagem emocional, onde não se serviriam da técnica para progredir no processo criativo, deixando desnudar um processo de criação de imagens através do corpo. A emoção era para mim a força motriz desta criação coletiva, respondendo-me como seres humanos e não como intérpretes a viver mais uma determinada personagem. Para tal, expus-me num processo de navegação pessoal dos meus fantasmas, em que vivê-los de novo permitiu eternizar memórias que faziam parte da minha pele como existência do ser humano.

No momento de apresentação da minha história aos intérpretes, para numa reunião de respostas contarmos uma segunda história dentro desta, pedi-lhes que procurassem e desvendassem questões através de memórias e afetos presentes nos movimentos expressados espontaneamente pelo corpo. Não chegava dizer aos meus intérpretes o pensamento sobre o material que lhes apresentava, mas dar liberdade para uma nova visão pessoal sobre a narrativa. Desta forma, daria oportunidade à construção das personagens a partir das respostas que estivessem inscritas neles mesmos, apresentado como exemplos base, as questões que explorei na narrativa apresentada nos ensaios. Pretendi explorar o conceito de “corpo biográfico”, que a meu ver apoiava-se na construção de um outro corpo, para a personagem atribuída a cada intérprete. Um corpo que se basearia nas próprias memórias e emoções de cada um, e não na sua técnica para enriquecer uma personagem. Desejaria corpos carregados de memórias e afetos e não de técnica, partiríamos da narrativa que trouxe para os ensaios, lançando questões das quais esperávamos respostas dadas a nível pessoal sobre as situações descritas na narrativa.

Para esse diálogo acontecer criei, a Spencer, personagem da qual nunca poderei falar, sem falar de mim própria. Personagem que o público reconhece sem saber que as metáforas colocadas naquele ser que vive da dramaturgia, se alimenta em palco das minhas próprias vivências, fantasiadas de metáforas propositadas para obter respostas por parte de todos os envolvidos na criação e na experiência do espetáculo. Todo o enredo baseava-se, numa viagem à mente da Spencer, tendo intenção de provocar a sensação de recolha de memórias da mente desta personagem, mostradas ao público tal e qual como a definimos sobre as suas recordações.

A ação gira à volta de Spencer, no espaço da banheira, que remete para todos os outros códigos de espaço das memórias que ela se recorda. O objetivo é associar a

banheira à definição do ambiente de outros espaços, sem ser o da casa de banho, a banheira é também uma definição do tempo dramático da narrativa, pois a intenção é que todas as memórias acontecessem no momento do seu suicídio, entre ela ainda estar ao cimo da água e no momento que mergulha. A minha vontade era que tudo fosse sentido, pensado e criado como grupo, uma vez que fazia sentido para o grupo e para os sentires de cada um, sendo a principal fonte de alimentação do processo.

Queria criar um olhar subjetivo, sobre a maneira como absorvemos uma imagem nunca ser igual de pessoa para pessoa, pretendendo criar uma linguagem cénica em que os objetos e outros elementos da minha memória são sempre modificados consoante cada corpo que os recebe.

O objetivo deste laboratório seria colocar o objeto artístico em um outro patamar ou seja, a minha intenção seria efetivamente começar o laboratório com uma estrutura teatral, pois foi este formato com que foi criado o guião. Mas, eu via na narrativa um objeto que poderia atingir uma outra expansão que não só a da área teatral, conduzi o processo para atingir um nível em que o objeto pudesse alcançar vários formatos criativos, adaptar-se a vários espaços e configurações, devido ao carácter tão pessoal que o constituía. Começamos de uma perspetiva teatral, para uma visão em que o objeto pudesse ser visto como uma fusão de várias técnicas, onde o objeto nunca fosse encarado como peça teatral à partida, mas sob um ponto de vista de uma instalação com performance e recurso à videoarte. Assim, quisésemos explorar várias técnicas, que apoiavam a ideia de objeto artístico mostrado abertamente como processo criativo.

A minha primeira preocupação nos ensaios foi de conduzir os intérpretes à construção de um corpo biográfico para o objeto artístico, na qual se servissem das suas emoções para responder às questões colocadas. Comecei por interrogá-los sobre o que observavam, como podiam ver-se a si mesmos nas situações descritas no guião, produzido pela mim e por a Beatriz, minha companheira no mestrado e no projeto que estava na área da interpretação.

O guião girava acerca de questões muito básicas sobre as emoções, resumindo-se na tentativa de desenhar a intimidade e de personificação de um amor perfeito, conceito que na realidade está sempre presente na cabeça de cada um de nós. Deste modo, tornou-se natural colocar questões sobre a narrativa, uma vez que ela baseia-se numa busca pelas emoções, numa tentativa de as personificar e de certo modo materializá-las. As questões de partida para a criação dos intérpretes, foram concebidas sobre as emoções e a forma de reação do seu próprio corpo ao revivê-las de novo, durante a execução dos exercícios.

Foram colocadas algumas perguntas sobre as situações presentes no guião aos intérpretes, na qual teriam que responder com um movimento, uma palavra ou até uma frase, o importante é que a reação teria de partir deles próprios. Esta construção ajudaria

também a construção de uma cena para o objeto artístico, em que a personagem de Spencer é bombardeada por perguntas por parte das outras duas personagens da narrativa, a Emma, a rapariga por quem Spencer está apaixonada e a outra personagem, que só vive na mente de Spencer e representa um espectro da parte instintiva de Spencer. Comecei por questioná-los: “O que viam delas mesmas naquelas mulheres?”, na qual começaram por falar-me de exemplos pessoais do seu dia-a-dia, que as fizera identificar com as presenças descritas para o objeto artístico.

Servi-me então de Pina Bausch, apropriando-me um pouco do seu método de auto-questionamento aos meus intérpetes para iniciar o processo criativo. Coletivamente foram colocadas várias questões às situações que a narrativa trazia, como seres humanos e não personagens criadas para a narrativa, como seriam as nossas respostas a certas questões: Como poderíamos fazer vivê-las sem nos expor diretamente ao público?; Como falar pela voz daquelas três personagens, falando ainda de nós mesmos?; Havia muita vontade de trabalharmos com o subjetivo.

Pretendia atingir um estado de criações de caratér extremamente livre, tendo intervindo de imediato que os meus comentários às propostas que apresentava para criação em ensaio seriam extremamente livres, não havia certo nem errado no que os intérpetes me apresentavam, queria emoções reais nas improvisações realizadas. Apenas, direcionava as atrizes com alguns apontamentos dos quais pretendia que o objeto artístico vivesse, queria a simplicidade de um toque ou todas as interpretações que um silêncio no sitio certo pudesse ter, queria o simples, o isolamento de algo concreto, mas nunca o banal. Desejava daqueles intérpetes, criar partituras para os corpos biográficos, da narrativa que lhes apresentava.

Na realidade, tinha anseio de alcançar nas pessoas, que reuni para este projeto, intérpetes limpos de qualquer técnica ou tique que a prática do teatro lhes pudesse trazer, queria intérpetes que se servissem do seu movimento e das suas respostas sem grandes elaborações mentais, queria movimentos que estivessem inscritos no seu próprio corpo e que fluíssem em forma de instinto.

## **2.1: Corpo é imagem: O efeito catarse**

*Catarse* é um termo de origem filosófica com o significado de limpeza ou purificação pessoal. O termo provém do grego “*kátharsis*” e é utilizado para designar o estado de libertação psíquica, vivenciado pelo ser humano. Durante todo o processo de laboratório, apercebi-me que a libertação de certas experiências ou movimentos, inscritos na mente ou no corpo de cada um de nós, funcionavam como uma espécie de reunião de catarses, tal como menciona Cypriano “eu não investigo como as pessoas se movem, mas o que as movem” (2005).

Neste projeto não me interessava as respostas dos meus intérpretes em si, mas o porquê das suas respostas serem daquela forma, o que havia dentro deles para aquela resposta surgir de forma instantânea. Queria construir uma história comum, observada e espontânea, onde o material vivesse daquela forma por fazer sentido para cada um de nós enquanto seres humanos. Preferi viver no coletivo o processo de expor uma identidade, partindo da narrativa que apresentei para o início do processo. O objetivo da nossa viagem de catarse era construir um corpo e um movimento como discurso, observar todos os pontos altos do ponto de vista emocional, assim como os resultados inesperados durante as apresentações trazidas pelos intérpretes, em resposta às situações vividas no guião. Sendo estes os indícios, que a meu ver, deviam-me sustentar e guiar na construção.

Deste modo, a pesquisa desenvolveu-se tendo em conta a base do guião narrativo e de questões realizadas aos intérpretes, sobre as situações descritas, baseamo-nos em exercícios corporais sobre o universo apresentado. Começamos por questionar-nos sobre memórias, emoções, percepções, relações e afetos. À medida que iam construindo um universo para a narrativa, foi levantada uma nova questão sobre aquelas personagens: Como as ligamos a nós mesmos? Como as faríamos viver como pessoas e não como personagens?

As respostas, às questões colocadas às situações que apresentei aos intérpretes, partiram de movimentos corporais e da fala enquadrados na dramaturgia da narrativa. A única coisa que exigi foi que me respondessem como eles próprios responderiam, e não segundo a visão que poderiam ter construído para a personagem, não queria recurso à técnica mas à emoção.

Depois de analisadas essas respostas em grupo, partimos para uma tentativa de recorrer à técnica de contato-improvisação, procuramos estímulos que nos instigassem à emoção e à fluidez, baseado nas respostas que tínhamos encontrado durante a primeira fase de questionamento à cerca do que observamos no guião. Procuramos músicas, que nos conduzissem às emoções que queríamos canalizar para cada cena, estímulos visuais, como imagens das quais pretendíamos retirar um pormenor para fazer a cena viver, a luz era pensada como retalho da realidade do momento. Menciono como exemplo, a cena do rio, que tinha que ser sempre natural, nunca adornada com os efeitos de um projetor, mas beber da beleza da luz do dia para a cena.

Concluimos, que a nossa preocupação com a qualidade da imagem era essencial para fazer viver esta criação. Deste modo, o material apresentado deveria ser delicadamente pensado como uma imagem de uma fotografia segundo por segundo, logo os movimentos corporais teriam de ser tão fluidos como a naturalidade do movimento do ser humano. Pretendia que o resultado fizesse com que o espetador não fosse um elemento passivo durante a visualização, mas que permitisse contaminar pelas imensas leituras que o

objeto artístico possibilitava.

Apresentamos-lhes a sinopse para iniciar a criação e facilitar um vínculo entre as intérpetes e a narrativa: “Desculpa se te acordei. Durante toda a existência fugimos do hábil ser que somos nós próprios. Quem é que nos habita? Quem é esta presença ausente de quem tanto falamos que se afasta e aproxima tirando-nos a certeza de que o oxigênio não nos faltará? Não queres escolher um outro futuro? É uma pena. Parece que a morte é verdade e se ela existe não é preciso mais nada, não é? Magnetizamos nas nossas vidas tudo o que guardamos no pensamento ou fingimos para nós próprios que é mais fácil deixar lá, nos nossos recalcamientos o que queríamos exteriorizar? A mim não me largam. Estou noutra dimensão, prefiro pensar assim quando na realidade te queria a ti. Cura-me. Quero que me cures.”

Ao questionar as intérpetes sobre o que observavam delas na narrativa, pretendia que carregassem a sua mente de imagens para utilizarem no momento da criação. Desejava que chegassem a um momento do processo, em que habitariam a cena do objeto ligadas ao tema sob um ponto de vista pessoal e não técnico. Através do meio da execução dessas mesmas imagens que a criação nos proporcionava, as intérpetes eram incentivadas a procurar a sua posição na cena da narrativa, como uma ramificação de sentimentos dos envolvidos no processo, tentando que redescobrissem as suas histórias para gerar matéria criativa. Gerar matéria para a criação vivia disso mesmo, de uma busca interior pelo que estava recalcado, numa tentativa de procurar um estado de libertação mental que tornasse orgânico todo o material produzido.

“Experimentem executar pequenas ações que reprimam o receio de um primeiro contato e ao mesmo tempo ilustrem isso nas brincadeiras que criam como intervenientes da ação”, começou assim o improviso para a primeira cena. O objetivo era criar pequenas imagens que ilustrassem as primeiras emoções daqueles personagens, pensando em nós mesmos, como seres receosos da opinião do que vai pensar o outro sobre a nossa primeira abordagem, que é a situação da primeira cena. Desta forma, tinha como intuito criar essa imagem mental, de como reagimos verdadeiramente ao encarar uma pessoa que nos desperta emoções, que não conseguimos dominar pela primeira vez. A minha intenção passava por mostrar que o drama, estava nos movimentos executados pelo corpo nas relações e nos atos que esses corpos criavam entre eles.

## **2.2: A definição de uma atmosfera própria para a criação: reação dos intérpetes**

Durante as experiências em laboratório, optamos por guiarmos o processo através da técnica de contacto- improvisação para despoletar reações emotivas perante o material

inicial para a criação. Inicialmente, tornou-se um pouco difícil de lidar com o improviso livre, devido aos fundamentos que por si só gera, produzia-se material a mais, material maravilhoso que me custou pôr de lado por vezes e à equipa também. Mas, não pretendíamos demasiados códigos misturados, uma vez que víamos o trabalho como a metáfora de um quadro homogéneo pintado a aquarelas.

Queríamos sempre falar do individual, de sentimentos ou emoções que possam passar por cada um de nós, e o esforço de abrir certos compartimentos da nossa memória para gerar um resultado. À medida que as experimentações em laboratório avançavam, conseguíamos ver o objeto inserido em outros contextos que não o teatro. Surgiam respostas às questões postas às cenas que apresentei para exploração.

No início, foi um pouco difícil fazer os intérpretes desligarem-se da técnica que o teatro lhes trazia, uma vez que as três intérpretes (Beatriz, Brígida e Mariana) possuem formação teatral. O material que surgia em experiências de laboratório era tão vasto, gerando alguma confusão no momento da edição para nosso próprio propósito.

Ao fazermos a viagem emocional ao trabalhar as cenas da narrativa, surgiram os corpos biográficos, construção a partir das personagens que apresentei e das suas próprias vivências pessoais. Concluímos, que queríamos trabalhar os isolamentos da imagem para servir certas linguagens e códigos da dramaturgia que tínhamos criado em cena.

Posteriormente, foram canalizados gestos sobre as cenas que criámos em ensaio, que o grupo considerou pertinente, para desenhar os contornos da linha de encenação do trabalho. Um exemplo deste resultado, diz respeito à primeira cena em que a personagem de Spencer aparece no rio, o quadro de gestos foi suposto ilustrar um conjunto de emoções que a personagem sentia na altura, que a fazia ter receio de avançar numa primeira vez que se viram.

### **III: Em Laboratório: “Uma História dentro de outra História”**

Para iniciar este processo achei essencial não esconder aos intérpretes, ainda que, por vezes, em conversas individualizadas, que se tratava da minha história mascarada de metáforas que usei para contar que a criação partiria de mim.

Uma narrativa que escrevi durante um processo de cinco anos, sobre alguém que nunca deixou de sair da minha pele e que sofreu constantes modificações á medida que o caminho foi acontecendo. Acreditei que deveria transformar numa espécie de diário íntimo, quis materializar a singularidade de alguém, que uma vez na vida me proporcionou sentimentos e sensações. Quando refletia sobre esta narrativa, recordei-me de alguém que um dia afirmou: “de duas penas dentro de um remoínho de vento, que constantemente

voavam para perto uma da outra, mas nunca se tocavam”. Este pensamento ficou-me na memória e conduziu toda a minha linha criativa, toda a linguagem que procurava para este objeto. De certa forma, trouxe-me algum aconchego, acreditei que haveria de descobrir a resposta no final do processo.

O meu intuito partia que os intérpretes recorressem à minha exposição, com a qual tentei fazer essa narrativa, e os fizesse navegar nas suas memórias ao ponto de isolar vivências reais deles mesmos para o objeto artístico que estávamos a criar.

Fizemos vários exercícios que nos levaram a essa navegação, na qual consistiam sempre num gesto ou ação concreta, e na tentativa de traduzir por meio do corpo para uma situação em concreto da narrativa. Vi milhares de histórias a nascerem á frente dos meus olhos, a partir da minha, e devo dizer que foi fascinante ver como a partir de um pormenor poderíamos produzir uma imensidão de resultados.

Recordo-me ao produzir a primeira cena, durante a composição escrita, que a recordação teria de ser idêntica à primeira vez que nos vimos. Deveria focar-me exatamente em trazer as sensações que senti, como estava assustada ou o meu estômago se enrolava à medida que saiam as minhas palavras. Lembro-me de como estava o sol e a sua cor, de como o vento fazia dançar o cabelo daquele alguém da minha história e de vez em quando lhe escondia os olhos.

O lugar da narrativa deveria ser simbólico, uma reunião de paz, de nervosismo e comovedora pelo desconhecido. Escolhi o rio. A água sempre me acalmou, tornando todas as razões válidas para imaginar que não poderia ser noutra lugar se não num rio.

Iniciei a construção da primeira cena com a imagem desse local. Queria que fossem retidas as sensações que a energia daquele sítio nos poderia dar a beber para a criação. Quis pegar então nas sensações da minha história e inicei a criação, dizendo-lhes que o local onde estavam era o rio. Teriam de pensar que gestos realizariam, num dia cheio de luz brilhante do sol porêm com vento, a sensação da água a gelar os pés, ajudaria no impasse que sentiam para um primeiro encontro. As sensações do local deveriam despoletar as emoções. Pedi-lhes que procurassem dentro delas momentos em que ficaram tão curiosas ao ver outra pessoa, que se sentiram num impasse de dizer olá ou não.

Chegamos à conclusão imediata, que Spencer e Emma se tratavam de duas pessoas que ansiavam tocar-se, mas nunca chegaram de facto a esse acontecimento, algumas coisas ficaram presas no seu íntimo. Tratava-se de uma narrativa sobre alguém que apesar de presente se fazia ausente. Durante toda a construção, recorri a questioná-las para pequenas sensações que a narrativa sugeria, e conduzimos as explorações para as cenas a partir desse princípio.

A questão da qualidade da imagem foi algo que sempre me preocupou. Desejava um objeto artístico com características profundamente gráficas, como se cada segundo, que

criamos durante o processo criativo, pudesse ser visto como uma fotografia do que vivia na mente de cada um. Queríamos produzir imagens reais sobre emoções reais, com reações instintivas e não pensadas.

Realizávamos sempre exercícios de improvisação acerca das respostas encontradas para conceber aquela cena em concreto, o objetivo era sempre levar algo de nós mesmos para gerar matéria criativa. Iniciei este processo exatamente dessa forma, trazendo algo de mim mesma para dar ao processo criativo, estava presente no guião que apresentei para conduzir o processo de ensaios. Guião que era apresentado com alguns indícios sobre os contornos dramaturgicos pretendidos, mas nunca com uma estrutura fechada de resolução ou execução. Pretendia criar uma linguagem cénica, baseada nas partilhas efetuadas durante o processo criativo, no qual fosse realmente real para os envolvidos enquanto seres humanos. Portanto o meu anseio, partia para que fosse criada uma história dentro da minha própria história, que encontra-se uma linguagem que pudesse contar várias histórias, tivesse várias leituras e vivesse de várias emoções a partir da história inicial.

Não queria explorar algo, com a estrutura de um objeto teatral tradicional... Pretendia construir quadros estéticos de imagens cheia de realidade, que deveriam exatamente ser executadas tal e qual como os executantes pensavam nelas, puras e orgânicas, como fotografado da sua própria mente. Via o processo como uma tela com algumas cores já escolhidas, esperando que os artistas lhes atribuíssem também as cores que para eles faziam sentido. O meu papel passava por procurar a realidade dos acontecimentos vividos, trazia-lhes isso com o guião que levava para o processo de ensaios, esperava que me respondessem com a sua própria história perante as questões que lhes apresentava. A minha pergunta era sempre “como seres humanos como reagem perante esta situação concreta?”. Queria a realidade que só a verdade das emoções vividas e das memórias inscritas em nós próprios o permitiam, ainda que não desejasse dar ao espetador a informação, de que a história e as partilhas que aconteceram para a criação com todos os envolvidos, se iniciou com a partilha da minha história sob a forma de uma narração. Acredito que a qualidade da imagem será alcançada por essa reunião de partilhas no coletivo, e não com a minha história como ponto de partida para a criação, o que facilitou o processo com os intérpretes, exclusivamente, e não com os resultados que espero alcançar com a exibição para o público.

Desejaria que o tempo não fosse limitado, para canalizar essas emoções reais para o produto final, como tal o processo começou no início do segundo semestre do primeiro ano, o que convergiu numa apresentação final durante o festival *Set*, realizado na escola nesse mesmo ano, que seria a primeira experimentação acerca dos contornos que o projeto poderia tomar.

Era necessário percebermos, qual a melhor forma de o objeto viver segundo o

conceito a que se propunha. Começamos por pensar no produto sob o ponto de vista teatral, tentando concluir se as características tão pessoais, que pretendíamos para o projeto, podiam viver sob a forma de projeto teatral. Chegamos á conclusão, que devíamos buscar um diálogo íntimo com o público, um ambiente que pudesse ser natural, idêntico a acrescentar vida a uma fotografia. Todos eramos da mesma opinião, não podiamos servir-nos de certos utensílios do teatro, se queriamos reproduzir uma imagem sobre a linguagem das nossas memórias. Um objeto que pretendia retratar a inevitabilidade do gesto ou de uma ação, e a construção de um corpo biográfico que partia das suas próprias emoções. Tudo teria de ser executado segundo o que era vivido na nossa mente, para nos servirmos durante a criação. Nada seria modificado, para conceder a estética da qual um espetáculo teatral tradicional, normalmente, se servia para fazer viver a sua grandeza.

O objetivo era construir uma pauta de sentimentos e emoções, dentro da minha história. Queria que cada um trouxesse algo próprio e singular, um pormenor do qual tivesse vivido, um momento que nunca mais se tivesse apagado das memórias dos intérpretes e poderia fazer viver a cena que estavámos a construir.

### **3.1: A descoberta de meios úteis para a definição do método : A Fotografia e o Cinema**

Apercebi-me assim, que todas as edições das cenas produzidas estavam a adquirir características cinematográficas e uma qualidade de imagem estilo fotográfica.

O projeto ganharia então características que iriam para lá de um espetáculo de teatro, ganharia características universais.

Ao apercebermo-nos, que estavamos no caminho de compor uma peça, profundamente gráfica, apercebemo-nos também que as hipóteses de exploração poderiam ir para lá do teatro. Ao transformar-se numa peça narrada discursada por alguém, poderíamos guiar a construção para adquirir características peculiares, que eram do nosso agrado, tendo em conta as características tão íntimas que pretendíamos imprimir ao objeto. Falado na primeira pessoa, olhado sob a perspectiva do olhar do observador.

Provocando a sensação dessa recepção de imagens, a que somos sujeitos durante o nosso dia-a-dia ou o desenrolar do nosso percurso enquanto seres humanos com memórias e sensações.

Fui influenciada por muitos criadores, neste processo, determinantes para definir os ambientes e os contornos que a narração deveria seguir. A técnica de improvisação e o contato, à qual as intérpretes se serviam durante os jogos de improvisação, remetia ao diálogo cinematográfico e á expansão das emoções, assim como às repetições de

movimento que utilizávamos. As repetições eram colocadas para testar o espetador a atingir vários estados durante a visualização.

Primeiro na dinâmica do movimento, depois para a densidade da situação que o envolvia o objetivo, e explodirem como um fluxo de associações que se renovassem. O segundo passo dos jogos de improviso, sobre as cenas em questão, iniciou pela realização de exercícios de fotografia, a partir de ideias sob a narrativa desenvolvendo assim, o contexto de olho de terceiro observador, que era do nosso interesse levar para o espetáculo.

São os movimentos produzidos em jeito de lembrar uma fotografia, que constituem o diálogo com a sua simplicidade. Apercebemo-nos, durante as experiências de improvisação para a construção da dramaturgia para a narrativa, que para a edição desse mesmo material, estávamos a recorrer a técnicas tipicamente cinematográficas aplicadas a cenas para teatro.

Estava presente, nas cenas que produzíamos, momentos de presença da fragmentação do gesto, para uma maior atenção do público para a situação e para acontecer a viagem emocional que ansiávamos. Também tínhamos pensado, propositadamente, na questão dos fades, para dar esse contorno à narrativa de recordação e do olhar propositado da Beatriz para a câmara, no momento da discoteca, que tem intenção de provocar o espetador para essa mesma viagem emocional.

Aconteceram também momentos que encadeamos em termos de tempo como se fossem uma câmara rápida, para expressar certas emoções concretas ou eclipses narrativos, para ligar a história com esse formato de puzzle que se ia completando. Foram muitos os criadores que me influenciaram na pesquisa de ambientes para a narrativa, e para o contexto estético que lhe queria imprimir. Saliento a forte influência de Roland Barthes (2012), os conceitos que trouxe com a sua obra "Camâra Clara", foi a partir da sua teorização sobre as funções da fotografia, que cheguei à conclusão do conceito das imagens que queria pesquisar durante o processo em laboratório. Barthes foi essencial como ponto de partida. Essa qualidade de imagens, permitiu-me definir uma voz para o objeto que queria construir. Surgiu assim a narração na primeira pessoa destinada a provocar essa viagem emocional.

O autor Gaspar Noé destacou-se pela influência na decisão da cor para as imagens do espetáculo que pretendia produzir. A cor ajudava-me na criação dos ambientes e, conseqüentemente a realçar a importância das subtilezas de que viviam as cenas produzidas. Compor as cenas e pensar nas emoções, apoiando-me na força que as cores tinham para mim, ajudou-me muito a encontrar soluções para várias questões durante o processo. Tudo para mim, durante o trabalho, foi muito baseado na qualidade da imagem, onde equiparei, o que pretendíamos produzir, a uma espécie de olho com um *zoom* infinito sobre os pormenores que cada um pretendia observar.

É inevitável não destacar o filme “Lá vie de Àdele” dirigido por Abdellatif Kechiche, que a título pessoal influenciou-me pelo tom íntimo com que foi gravado, parecendo retirado de facto do dia e não preparado para um filme. Era essa visceralidade nas emoções e reações dos meus intérpretes que pretendia atingir.

Inicialmente, o processo partiu sob uma perspetiva teatral, uma vez que o nosso interesse focava-se na produção de um objeto artístico para o teatro. Durgiram variadas questões com um objeto para teatro... A qualidade da imagem era algo que estava, inevitavelmente, associado ao material que já tínhamos construído.

Queria um espetáculo de isolamentos, onde cada momento da imagem fosse cuidadosamente estudado para o público olhar para um determinado local, e não para a cena na perspetiva geral. O interesse centrava-se em produzir um objeto artístico que se pudesse adaptar a todos os formatos.

Para iniciar a construção da dramaturgia coletiva, a minha única imposição, enquanto alguém que dirigia o processo de criação, era que o tempo dramaturgico da história que estaríamos a criar seria desfragmentado, ou seja, a narração girava à volta da personagem Spencer, que estava na banheira e se ia recordando de certos acontecimentos da sua vida, que não necessitam ter uma ligação concreta em termos cronológicos ou de espaço. Seriam momentos escolhidos a dedo, pois a narrativa vivia dessa viagem à mente de Spencer.

A partir deste momento, nada seria imposto nem fixo por mim, deveríamos achar nas situações descritas no guião, pormenores para criar imagens que viessem a partir de emoções reais como seres humanos, que nascessem através das nossas memórias e fizessem viver aquela história. Queria que houvesse vontade de dar algo pessoal e íntimo á criação.

Para falar da construção da dramaturgia conjunta para a narração, não posso iniciar sem antes falar da minha parte que levei para a criação, sendo a minha intenção materializar certos momentos e emoções vividas por mim e presentes no meu íntimo. O que quis retirar eram pormenores que me fizeram nunca me esquecer dos momentos, passe o tempo que passar. Quis tratá-los como fotografias, quadros estéticos que retirava da minha mente para tentar dar vida em cena.

Sabia que era do meu interesse descrever pessoas comuns, não partindo de uma abordagem diferente para as personagens ou indivíduos que criei para a narrativa, onde cada um existia porque em algum momento da minha vida as coisas aconteceram daquele modo. Eu tentava materializar para o palco, recorrendo à linguagem cénica criada no coletivo, através de todas as reuniões de histórias, não eram só as minhas sensações que estavam expostas.

Em primeiro lugar, defini que as cenas que íamos criar, eram as que estavam dentro do *storyboard* do guião, às quais podiam ser acrescentadas novas cenas consoante a

criação, o que aconteceu mais tarde. Para a primeira cena criei um ambiente de sensações, algo em que as emoções das personagens pudesse fundir-se com o ambiente do espaço. O impasse do primeiro contato, a curiosidade, a observação mútua, acontecendo pelo espaço à luz do sol, a corrente do rio a bater na pele, o vento, deveriam ser sensações a transmitir, durante os movimentos criados no decorrer da primeira experiência de improvisação que realizamos.

A pauta de movimentos, deveria jogar com o ambiente do espaço, o som e a luz, serveriam só para dar o remate final ao ambiente, pois seria o som do rio e dos pássaros que, para todos nós, durante a troca de ideias em grupo, concluímos que lembrava a luz do sol nos ramos das árvores. A sensação da luz a bater nas árvores e os raios de luz que dispersava pelo espaço, foi um pormenor importante para definirmos a pauta de movimentos.

Como se a primeira abordagem tratasse de traçar um rastro entre a personagem da Ema e da Spencer, durante esse caminho existiam sentimentos de impasse e de curiosidade, o final da rota representaria a quebra do seu próprio espaço vital, e que dariam o primeiro passo para se conhecerem e dizerem o primeiro olá. Durante os ensaios, foram várias as abordagens para a constituição desta cena. Concluímos, que deveria ser importante para as duas intérpetes, uma pauta de movimentos que as fizesse sentir o espaço e quais os sentimentos que poderiam retirar do meio durante a experimentação. Neste momento, navegariam dentro das suas próprias memórias, para conceder a Emma e a Spencer o tom certo de inquietação e curiosidade perante um primeiro conhecimento.

A Beatriz intérprete da personagem da Spencer, concluiu em processos de ensaios, que a atitude de nervosismo de Spencer perante o primeiro conhecimento de Emma, deveria ser diferente da Mariana, a atriz que desempenhava a personagem de Emma.

Emma deveria ser mais confiante, mas também nervosa porém, era, claramente, a mais decidida a avançar. Spencer deveria estar fechada, quase como num espaço paralelo, mas dentro da cena, uma vez que se estava a recordar do primeiro encontro no rio. As atrizes foram questionadas sobre os sentimentos ali presentes e partimos para a improvisação, no qual a Beatriz, naturalmente, configura uma espécie de cúpula de vidro por cima da Spencer da primeira vez que vê a Emma. Essa cúpula representa todos os motivos pelos quais demora muito mais tempo do que Emma a ir ao encontro dela.

Queríamos que esta cena fosse marcada por esta diferença de personalidades e decisões. A luz do sítio do sol foi também minha intenção de ser deixada como uma espécie de caminho inevitável que elas fazem uma para a outra.

A personagem de Spencer nunca encara diretamente Emma, antes de a cumprimentar, mesmo por essa diferenciação de personalidades. A voz de Spencer, que ouvimos em primeira mão a narrar, a primeira vez que viu Emma cumprimentaram-se e

trocaram ligeiros toques nas mãos, denotam todas as tentativas de Spencer a dialogar com a Emma, lutando com o seu nervosismo, e não imagens da personagem de Emma. O objetivo era deixar falar a mente de Spencer, deixá-la pensar e entrar em pânico sobre sentimentos que não tinha domínio.

Para a segunda cena, quis uma apresentação da personagem, que mais tarde o público poderá concluir ser o outro lado de Spencer, o lado mais escuro, o que se vê dominado por pensamentos enterrados na mente da personagem de Spencer mas que vêm ao de cima. Essa personagem foi propositadamente retratada com as correntes, como elo de ligação praticamente inquebrável que a unia a Spencer. Existia para mostrar que o ser humano nunca se livra de ser dominado por o seu outro lado. A imagem desse outro lado da Spencer surge na banheira, e em processo de criação, a atriz que a representava, a Brígida, foi interrogada sobre os gestos que poderiam representar o elo de ligação inquebrável à personagem da Beatriz, a improvisação partiu daí. A Brígida foi também questionada, sobre gestos que para ela representavam estar aprisionado por algo. Partimos também da ideia, de imaginar um rosto e uma presença para esse sentimento de aprisionamento, de recalamentos escondidos na nossa mente, queríamos dar-lhe uma presença específica, por isso procurávamos uma força não humana, uma carga. O objetivo desta carga era que a sua presença torna-se um incómodo.

A luz foi deixada propositadamente com o típico ambiente da casa de banho, pois nesta cena a banheira não servia só como objeto de espacialização, mas a cena passava-se de fato na banheira. Sendo o objetivo causar o contraste com a presença espontânea da personagem da Brígida na casa de banho, onde vai estar Spencer, quase como uma apresentação da materialização da mente de Spencer. Há um ligeiro foco da câmara e alguns pequenos apagões de luz, que foram pensados propositadamente, queria causar a sensação de uma terceira presença na casa de banho, por isso tentei ilustrar as reações típicas do olho ao focar e observar uma imagem.

A cena em que Spencer aparece na casa de banho a falar com uma presença imaginária, que se deduz ser uma criança pela linguagem simplificada, pelo carinho e alegria espontânea e sem pensar da personagem da Spencer. É suposto representar o lado de Spencer que permanece imaculado, intocável, o lado em que o primeiro amor é um sentimento puro e enche a palavra com todo o nosso sentir. A personagem dessa criança, o Gale, cuja a personagem de Spencer diz o nome a meio da cena, para mostrar que está de facto ali alguém com ela que só ela vê, assume que coloquei esta cena para tentar trazer a pureza das crianças sobre estes assuntos à narrativa. Tendo intenção ter um diálogo que abordasse o assunto do amor sem barreiras. Mais uma vez a presença do foco da câmara, dos pequenos apagões da luz que surgem na casa de banho são propositados, servem para ilustrar a omnipresença de um terceiro observador, que é suposto ser o público, e foi nestes

pequenos apontamentos que o tentamos trazer para dentro da narrativa, sob a perspectiva do mecanismo de observação da imagem por parte de um olho.

A cena em que Spencer está na banheira, tem também um segundo momento, em que a personagem da Brígida, o espetro, entra na conversa com Gale e interrompe. A entrada da personagem simboliza o momento em que o público vai ter uma antevisão da cena seguinte, percebe-se que Spencer está a arranjar-se para algo. Sendo também perceptível na conversa entre a Spencer e a Emma.

Os códigos de linguagem entre a personagem da Beatriz e da Brígida, existem propositadamente para demonstrar essa carga negra por cima da personagem de Spencer, que a fazem recuar, ou ficar em silêncio em vez de conversar com Emma. Conforme os apontamentos que anteviam o encontro de Emma e de Spencer, que já vinham sido deixados nas anteriores cenas, nesta cena as personagens encontram-se num ambiente de discoteca, embrigadas, os olhos de ambas veem o espaço sem multidão. Marcamos um olhar para a cena iniciar que simbolizava que, a partir desse instante, o ambiente entre as duas personagens e a alteração. Deveria haver um claro contraste entre os momentos que se passavam entre elas, impus eu para a criação.

Queria um crescendo entre uma espontaneidade de gestos trazida pela embriaguez e pelo ambiente de noite, trazendo às personagens uma queda abrupta em que surgia a espontaneidade entre as mesmas, dando lugar a uma tensão que crescia para outro tipo de emoção, fazendo os sentimentos das personagens serem canalizados ao máximo.

A cena em que Spencer e Emma se beijam é ilustrada com figuras, executadas pelas intérpretes com as mãos, exatamente pelas questões com comecei a abordagem da cena e por o início da narrativa em concreto. Comecei por interrogar às intérpretes: "Pensem num gesto de um amor não concretizado", a simbologia das mãos surgiu naturalmente para todos para ser explorada, a interrogação fez para mim todo o sentido tendo em conta as características do laboratório que tínhamos iniciado, tinha a ver comigo mesma e com a história de cada um deles também. Surgiu um quadro de mãos, representando duas pessoas singulares, que tinham todas as emoções dentro delas, mas nunca chegaram a tocar-se na realidade. Os sons da cena seguinte, foram pensados por nós como uma marca do espaço onde estavam, imaginamos na narrativa que criámos coletivamente como se as personagens tivessem aberto a janela da discoteca, quando nasce o sol e fumam um cigarro, essa cena ilustra as reações de ambas ao beijo, que surgiu na cena anterior, e terminou quando Spencer interrompeu e foi embora.

Subitamente aparece também a meio da noite de divertimento de ambas, a presença constante da personagem da Brígida, que aparece naquele duplicar de imagens quando Spencer e Emma na discoteca, quisemos provocar essa sensação de vigilância constante das recordações de Spencer.

É vista uma clara frustração na personagem de Emma, a atitude de Spencer é pensada como um pedido de desculpas, o silêncio existe para ilustrar as palavras que realmente nunca conseguiram dizer uma à outra. No processo coletivo de ensaios, nunca chegamos à conclusão que palavras as personagens deviam dizer neste momento.

A imagem da personagem da Brígida a inalar o fumo com as narinas, simboliza esse pico de frustração do início da discussão, que a cena do cigarro simboliza entre as duas, quando o fumo chega às narinas da Brígida, a frustração da Emma, fica sem resposta. Chegamos à conclusão, durante o processo de ensaios, que o diálogo silencioso entre elas, deveria simbolizar uma espécie de troca de porquês e de justificações das personagens da Emma e da Spencer.

Por último, e tratando-se de uma narrativa fictícia, quisemos fazer a ponte com a estrutura inicial, como se toda a narração se fosse montando como um puzzle à medida que é exibida, como tal as cenas seguintes, foram cuidadosamente pensadas e editadas como uma antevisão do final. A maneira como aconteciam e se completavam, para transmitir a ideia de final. O beijo entre as dualidades da personagem de Spencer, simbolismo da morte, mas não uma morte trágica. Como grupo concluímos, que era isso o que a personagem de Spencer pedia, um final que fosse dar silêncio aos seus anseios e lhe desse silêncio às vozes. Queríamos o beijo como metáfora para o final de Spencer, o drama deveria vir do olhar e da última réstia que Spencer guardava com ela mesma, que é marcado pelo olhar entre as duas personagens antes do beijo.

A carta, passada propositadamente no rio, com a ideia de várias simbologias e sem uma conexão exatamente temporal, com o resto das cenas. Para esta cena refletimos sobre o momento que mais nos retirou o ar na nossa vida, Sendo ilustradas pelas respirações de Emma. A última palavra saíria da boca de Emma, quando ela não tivesse mais forças para correr naquele rio, local onde conheceu Spencer durante a narrativa.

A Fusão das duas imagens da morte de Spencer, no rio ou na banheira, existe pelas características do objeto artístico em si. Tínhamos chegado à conclusão que o nosso processo criativo era o que fazia viver o objeto, iríamos fazê-lo viver dessa forma. Como tal, também entendemos, que o final poderia ter várias leituras para o público, daí essa lembrança para a primeira imagem do filme em que Spencer aparece na banheira. O final fazia sentido ser em aberto, dado às várias leituras que este trabalho tinha adquirido para nós.

E propositadamente, guardei a primeira cena com que início este projeto, para sintetizar as minhas ideias e as ideias do grupo para a sua dramaturgia em último, pois nela reside todos os porquês das narrativas que criamos. Nela observamos Spencer, a personagem, sob a qual a sua mente é dissecada ao longo de toda a narração, vendo os seus pensamentos expostos, como uma visceralidade, como se fossem impressos

exatamente como estão a ser recordados na mente de quem os viveu. Alguém preso, pelas inevitabilidades de algo que não tinha que acontecer, vemos uma mão a querer segurar uma pena, dentro de um remoinho de vento e ela a fugir sempre.

Ela quer segurá-lo e não entende porque não tem forças para segurar a pena, mas existe uma mão que a puxa de fora, a sua própria mão. Um espectro de uma presença que diz respeito ao que está mais enterrado em Spencer. Essas duas casualidades que determinam toda a narrativa e todo o percurso da personagem de Spencer, fazem perguntas a Spencer, ao mesmo tempo, frustradas e convictas do que estão a dizer. As feridas de Spencer são expostas nessa primeira cena, que a vimos a ser invadida de perguntas e a não conseguir responder, quando as lágrimas lhe escorrem pelos olhos e simbolizam as palavras ou respostas que nunca conseguiu formular.

Poderia olhar para este projeto sobre o ponto de vista dramático como uma fotografia. Se imaginasse como ela seria se fosse sobre esta narrativa, veria Spencer a deixar um ramo de flores secas para Emma, essas flores explicariam todos os seus porquês.

#### **IV: O processo criativo como produto final**

A luz íntima, sem busca pela modernidade, tal e qual como é retratada por um momento da nossa mente, que deixa a descoberto só metade do rosto por causa de um raio de sol ou ilumina a cara toda por um candeeiro num determinado lugar. A cor sem tratamento, vista visceral à primeira vista pelo olho, os sons que o ouvido escuta do espaço ou lhes são trazidos pelos silêncios. O que dizem os nossos silêncios? A utilização de material rudimentar, do nosso dia-a-dia, concedeu a toda a exploração um caráter experimental e real, que fazia viver as memórias dos intérpretes durante o objeto artístico. Tudo isto foi utilizado com o propósito de atingir a realidade da aproximação de um retrato sobre o que pode ser a intimidade, sobre aquilo que ficou colado à nossa pele.

Utilizar técnicas com estas características tão rudimentares, fez-nos acreditar que poderíamos colocar o público a olhar da maneira que o convidamos a olhar, durante toda a exibição. E essa tentativa de espelhar a intimidade, fez nascer o ambiente com a cotação dramática que esperávamos para o objeto.

Todo o espetáculo foi pensando consoante uma dramaturgia, que fazia nascer um terceiro observador, cujo essa posição era ocupada pelo lugar do espetador. Tinha-se intenção que o convite a observar a cena de dentro, e a ver-se num confronto direto com as emoções expostas pelos intérpretes, nos levasse a alcançar os objetivos que pretendíamos com a realização deste objeto artístico. Queria construir um corpo simbólico, munido das

emoções dos intérpretes para fazer viver a narrativa.

As ações passam-se assumidamente em sítios pessoais, como as paredes de uma casa, a casa de banho, um rio onde só estão presentes duas pessoas, uma discoteca que é vista, assumidamente, deserta pelas personagens, para ilustrar o ambiente emocional que as personagens estão a viver juntamente com o seu estado.

A luz é assumidamente natural, lembrando o tom das lâmpadas da nossa casa ou da casa de banho, as luzes da discoteca para ilustrar o ambiente de noite, embriaguez e divertimento, assumindo os tons mais quentes quando o ambiente emocional entre as personagens de Emma e de Spencer se intensifica.

A cena que antecede a morte de Spencer, em que Emma corre na praia, queríamos ilustrar a exaustão de um corpo carregado de uma notícia que lhe arrancou a realidade, queríamos que a conotação da respiração, aproximasse o público ainda mais da emoção de Emma.

A imagem de três troncos despidos para finalizar a videoarte, que simboliza a morte de Spencer, não como uma coisa trágica, mas um descanso, uma inevitabilidade, que não tem como ideia representar a morte física mas uma morte que é suposto ser encarada por cada espetador de uma forma subjetiva.

A dupla imagem do final da personagem da Spencer na banheira com o rio, é suposto fazer esse reforço de um diálogo narrativo, em que a morte da personagem de Spencer é inevitavelmente ligada ao início, onde ela se recorda de todas as memórias que lhe ficaram coladas à pele enquanto está na banheira. Queria com esse reforço do caráter narrativo, deixar essa ideia de final aberto, de onde de facto a personagem de Spencer poderá realmente ter cometido esse terminar com a vida.

Por último, acho importante guardar o porquê de o beijo entre a personagem da Spencer e o beijo entre a personagem da Brígida, que representa a dualidade do ser humano, representa um fragmento de intimidade. Desta forma, tinha como intenção usar esse beijo como representação da morte, mas não uma morte violenta, uma morte em paz, uma morte que expusesse uma das questões de Spencer, mas que também fosse um símbolo da intimidade como uma espécie de rendição.

É acima de tudo um trabalho sobre olhar aquilo que ficou para trás na nossa memória.

## **V: Conclusão**

Na fase inicial deste processo, foram várias as ideias iniciais que foram abandonadas devido às dificuldades que encontramos a vários níveis. Apesar disso, enquanto grupo,

sempre tivemos assente durante a abordagem, que haveríamos de transformar as adversidades em resultados que servissem ainda mais adequadamente as nossas intenções.

Quando a construção deste projeto começou, com a exploração do objeto teatral construído por mim e pela Beatriz, desde o início do nosso mestrado, este tinha sido estruturado como um texto para teatro.

Logo, apercebemo-nos que este possuía uma voz extremamente pessoal, ditada na primeira pessoa com uma intimidade tão exposta, que não poderíamos apresentar o produto única e exclusivamente com o conceito teatral, podendo servir bem mais o propósito da nossa construção se pudesse ser olhado sobre várias formas.

Foi aí que começou uma nova ideia para renovar o material que tínhamos, que com as características certas poderia ser um projeto final de mestrado do nosso agrado.

Sempre foi uma necessidade para ambas falar acerca do indivíduo e da sua envolvimento com a intimidade.

Partindo do princípio de contar uma história sobre a nossa própria história real, apercebemo-nos que deveríamos constituir um novo corpo que reunisse todas as emoções dos envolvidos, um corpo profundamente biográfico, baseado nas emoções de todos os envolvidos. O projeto ganhou logo novos contornos para partir para uma renovação.

Quando iniciamos a exploração, no primeiro semestre do primeiro ano de mestrado, o contexto mantinha-se para uma peça teatral. No entanto, durante as explorações, descobrimos que estávamos a criar imagens profundamente ligadas á fotografia e ao cinema, o que nos levou a pensar num projeto sob um novo prisma, de forma a poder reunir várias técnicas em um único projeto.

Quando começamos a exploração foram muitas as dificuldades que encontramos, nomeadamente, o fato de ter guiado os ensaios sem nenhuma imposição dramatúrgica, possibilitando a produção de imenso material criativo, mas logo dificultou também para a escolha e a edição do mesmo.

Deparei-me com outra dificuldade na adaptação e na encenação que ia construindo com as experimentações durante os improvisos, gerindo com a existência do material que existia na escola. Inicialmente, tinha pensado em instalar um ambiente cenográfico, constituído por diversas câmeras pelo espaço e uma banheira ao centro, que provocasse essa sensação de repartição de olhar e determinado isolamento de imagens ou momentos. A ideia era reproduzir exatamente o mecanismo do olho quando fixa uma imagem e a analisa.

Ao aperceber-me da quantidade de câmeras que necessitava para reproduzir o efeito que desejava, apercebi-me que a escola não possuía esse material. Para encontrar soluções, sempre pensamos no coletivo, reunimos a equipa e tentamos perceber como

superar aquele impasse.

Concluimos então que o material que tínhamos produzido para o objeto teatral, e chegado a testar como experimentação, durante a primeira exibição do festival *set*, poderia adquirir outros contornos. A linguagem era para lá da teatral.

Imprimia uma intimidade visceral, que precisava de ser abraçada sob a forma de várias linguagens, surgiu assim o objeto fílmico.

Ao transformar o material numa videoarte, a linguagem teve de se alterar, foi mantido o tempo cronológico e algumas características que poderiam servir a videoarte. Já que se tratava na mesma de uma reunião de metáforas, a exploração como isolamentos de momentos poderia ajudar a servir a videoarte.

Então, a pesquisa que efetuei para a produção de cenas em teatro inspiradas em técnicas de cinema, serviu-me para a construção do filme e o trabalho em vez de se excluir, reaproveitou-se. É de salientar, a subjetividade com que a arte anda abraçada e aquilo que esperava que encarassem com as imagens finais do trabalho realizado, era uma viagem individual nas próprias emoções ao olhar a minha história, para se verem a eles mesmos. Claro que também me interessava essa subjetividade, perceber de quantas leituras poderiam nascer a partir da seleção de um gesto ou emoção, para partir para a criação do objeto artístico.

Chegámos à conclusão, que queríamos imprimir várias técnicas no projeto realizado, fazendo com que o público o olhasse sobre vários formatos. Assumimos o nosso processo criativo ao público exatamente como o produto final do nosso projeto, pois o objeto final não existiria sem as emoções que revivemos durante o processo em laboratório.

Acrescento também, que acredito que todos os criadores bebem uns dos outros para produzir arte e gerar novas leituras sobre o mundo, que já foram faladas tantas vezes. Foi-me impossível que os meus conceitos não se gerassem a partir dos criadores que citei durante todo o relatório, sem Roland Barthes, não chegaria à conclusão, que imagens desejava eu encontrar para o meu objeto artístico.

Sem Pina Bausch (2005), que acreditava que a arte nascia pela emoção e na viagem no nosso próprio ser para surgir matéria criativa, não chegaria à conclusão de que maneira conduzir os meus intérpretes para a criação a partir da narrativa que lhes tinha trazido. Este autor fez-me encontrar um método, produzir emoção nos indivíduos que tinham embarcado nesta viagem criativa comigo, de forma a poder retirar emoções reais para gerar a criação. A cor de artistas, como Gaspar Noé ou Nan Goldin influenciou-me profundamente na definição de ambientes, ao descobri-los e beber deles como artistas, desenvolvi também o hábito que todos os sentimentos deveriam ter uma cor, o que me ajudou a completar várias questões para a criação. Este foi um objeto, cuja experiência em laboratório passou por construir algo que abrangesse variadas linguagens.

Por último, devo falar das questões humanas. Não vou negar que elas surgiram, faz parte do processo, todos nós eramos trabalhadores estudantes, tivemos que nos tentar gerir pelas disponibilidades uns dos outros, o que por vezes atrasava imenso o processo ou poderia soar de facto a procrastinar, mesmo quando não era disso que se tratava. Mas confesso que foi extremamente difícil para mim e por vezes até frustrante lidar com tantas disponibilidades. A verdade é que todos nos esforçámos para que os ensaios nunca saíssem prejudicados, mas por vezes por inevitabilidades do tempo tornava-se impossível.

Foi uma viagem muito peculiar para mim, apesar de extenuante e às vezes um pouco incomodativa, viajar nas nossas próprias emoções para a construção criativa foi um processo extremamente gratificante, foi maravilhoso sentir a criação de um objeto que é povoado de coisas reais minhas e que vive de emoções reais dos intérpretes e não da interpretação de cada um dos envolvidos.

Foi muito gratificante transformar essa minha voz interior, num objeto não só teatral, mas possível de ser lido sob variadas linguagens e que vive pela junção de várias técnicas em um objeto.

Apresentado sobre a forma de um processo criativo como produto final, porque uma história real nunca tem só um final definitivo.

## Bibliografia

Belting, H. (2014). *Antropologia da imagem*. Lisboa. Kkym.

Barthes, R. (2012). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70

Caldeira, S. (2010). *A construção poética de Pina Bausch*. Revista poiésis, nº16, 118-131.  
Recuperado de: [http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis16/Poesis\\_16\\_ART\\_PinaBausch.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis16/Poesis_16_ART_PinaBausch.pdf)

Cypriano, F. (2005). *Pina Bausch*. Brasil: Cosak Naify.

Fox, A. & Caruana, N. (2012). *Por trás da imagem: pesquisa e prática em fotográfica*. Lisboa: ggili.

Jones, A. (1998). *Body Art: Performing the subject*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Kiefer, S. (2012). *Corpo em Dança*. Obtido de: <http://corpoemdanca.com/?p=53>

Oliveira, F. (2014). *A dança teatro de Pina Bausch e a memética*. *European Review of artistic studies*, 2-14. Recuperado de: <http://www.eras.utad.pt/docs/SET%20TEATRO%202014.pdf>

Roubinem, J. J. (1998). *A linguagem da encenação teatral*. Lisboa. Jorge zahar editor

Sampaio, S.; Reis, F., & Mota, G. (2016). *ATAS DO V Encontro anual da AIM*. Associação de investigadores da imagem em movimento. Lisboa. AIM



## Anexos

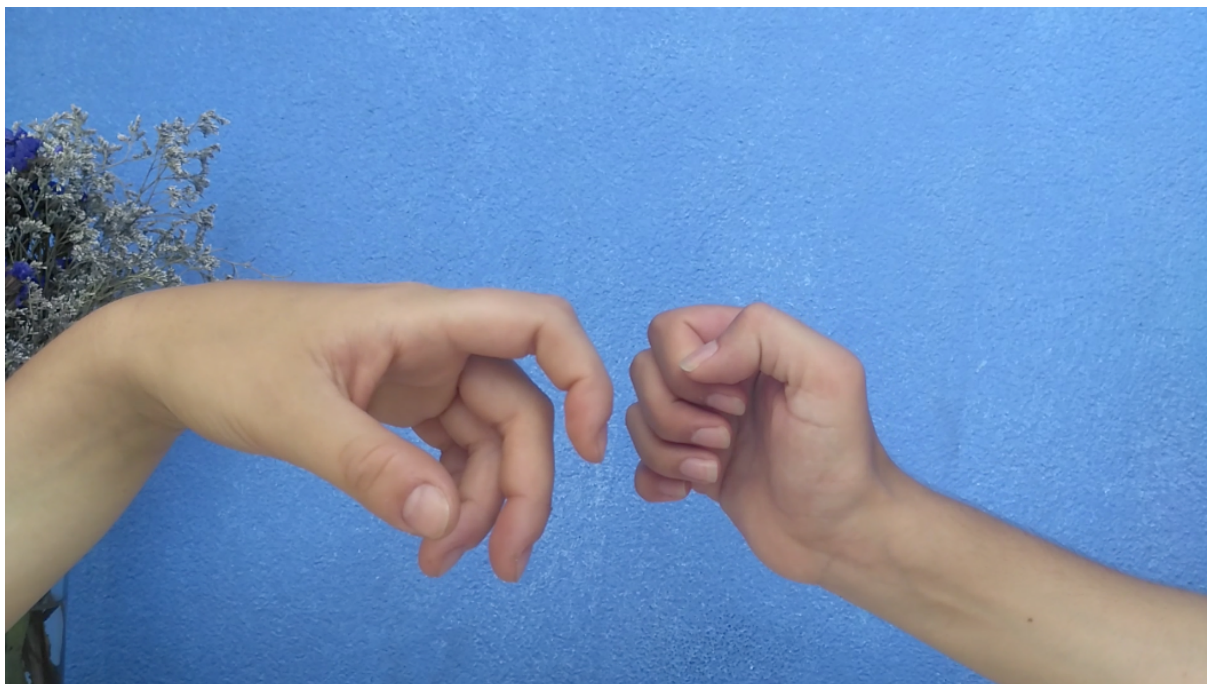
### Anexo I



### Anexo II



### Anexo III



### Anexo IV



**Anexo V**



**Anexo VI**



## Anexo VII



## Anexo VIII

Que concinem as folhas das árvores sobre  
mim com a força do granizo e te  
digo que não te quero, mas mesmo  
~~mesmo~~ com essa dor a estalar-me a pele  
não consigo ~~abrir~~ abrir a boca para te  
confessar a verdade do meu coração.

Que me gulem os lábios se te faço acreditar  
que o teu beijo me enfastia, mas aguento  
esse frio para não te acostar para a  
impureza do meu íntimo.

Que os minhas mãos paralizem se  
mostro repulsa ao teu toque, mas não as  
sentir é melhor do que cada gesto ~~de~~  
condenado.

Perdoa-me por fracassar, perdoa-me  
por te anular mesmo quando te vejo  
e olhos fechados.

Lo Petição de desculpas

---

Diálogo Spencer e Bri

Spencer - O QUE É QUE TU QUERES?

Bri - Se te aresdei!

Bri - assim não operas!

Spencer - Tenho um encontro

Bri - ... o teu beijo

Bri - Entusiasmado

Bri - ... não fico tão perseguido

Bri - Passa?

## Anexo IX

Monólogo Spencer - Voz off - Casa O-Rio.

O meu olhar é um hínel, observo-te no presente e ele está deslocado, pareças-me estar a pedir esmola a quem tiraste a quem tiraste a paz como se cada toque te saísse caro. Alguém crava as unhas na minha pele. Parece que estou cozinhada. Sou eu? Acho que estou em dívida, uma dívida absurda que me tornea numa cabeça obsessiva com mil vozes que me põem em xeque. Vejo azul, vejo cinzento, vejo verde, vejo branco, vejo vermelho, vejo a tua boca a aproximar-se e a minha pele a tentar fugir mas no meu interior há um orgulho porque são as tuas mãos que me fecham os olhos. Estás a falar com quem?

Cena 0 - A água parecia gritar-me o teu nome.

Spencer, eu sou a Spencer.

Cena Banheira

- Estive no deserto.
- Quem é que pensas que és?
- Como é que me fazes frente se eu não existo?
- Estás a dar-me conselhos?
- Existe um segundo de uma parte de ti que eu não consigo dominar?
- Como é que alguém muda a tua cabeça?
- Achas-te com capacidade para isso?
- Com quantas existências não te dominas?
- (suspiro) E quando me deixares morrer, beija-me.

Cena discoteca

Anexo 10

Vertigem.

## **Cena 0**

(Luz ambiente sombria de quarto. Na direita alta está um colchão, a primeira coisa que o público ouve é o barulho das teclas da máquina de escrever, acende-se a luz para Emma que está no colchão. Está também uma garrafa com bebida dentro).

Emma: Uma vez, conheci um coração estragado, cheio de pesadelos. E tão belo ao mesmo tempo. O único coração que me fez acreditar que eu lhe poderia trazer alguma luz. Enfrentei-me a amar a nudez das suas palavras enquanto ia despindo o seu coração para mim. (Quebra de luz imediata).

## Cena I

(Luz geral no palco, mas meia sombria.)

Spencer: Em cada recanto de Londres há um sonho quebrado. Sempre achei que tinha nascido no planeta errado ou vindo de um tempo que não era o meu (leve riso sarcástico). “Spencer a esquisita, Spencer a antissocial, Spencer a louca”

Fama: Relaxa, eu alivio-te a dor.

Spencer: Não, não, não, não és real. Merda, vício de merda. Arranquem-mo, libertem-me ou matem-me aqui.

Fama: Intoxicas-me até aos ossos.

## Cena II

(Fama dirige-se ao público agora.)

Fama: Penso que ainda, não me apresentei a cada um de vocês...(Ri-se de forma sedutora).

(Desce para o público e coloca-se de pé na cadeira do meio, luz sobre a fama só).

Fama: Sejam bem-vindos à mente torturada de Spencer (pausa). Ouçam! Ouçam os gritos, os sonhos, os assombros, os medos, as vozes e as almas esquartejadas, sejam bem vindos aos seus mais profundos e obsessivos desejos. Conheçam-me a mim (pausa). A tortura e a salvação. Todas as almas têm um preço. Qual é o da tua, Spencer?

### Cena III

(Acende-se um corredor de luz à boca de cena. Emma e Spencer entram em cena, uma por cada lado do corredor e vão-se aproximando até ao centro, fazendo pausas para falar, dirigindo-se para o público enquanto falam)

Spencer: Uma vez via-a no Tamisa...

Emma: Há alturas que não sei que merda de confusão é esta que sinto na minha alma.

Spencer: Estava sentada. O cabelo dela dançava com o vento e com os raios de sol, que começava a retirar-se com ela. Gelei.

Emma: Desde que a vi naquele final de tarde que sinto que enlouqueci em todos os segundos da minha existência. Todas as minhas definições de controlo não passam agora de mentiras. (Respiração).

Spencer: Engoli em seco e entreguei-me à minha insanidade. Não tive como não ser atraída até ela, inevitavelmente.

Spencer: Saiu-me algo brilhantemente idiota “O rio não te parece tão oposto com o frenesim de almas que é Londres a toda a hora? Parece que a cidade nunca dorme...”

Emma: Falamos é verdade. Falamos do rio e da ironia das coisas...“Chega a ser irónico...Mas imagina o número de pessoas que é atraído para aqui, pergunto-me se às vezes sentem que o rio lhes lava a dor como eu sinto...”

(Encontram-se no centro do corredor. É como se tivessem feito um caminho até uma a outra, falando uma da outra sem a outra estar presente, falando com os seus próprios pensamentos, mas o caminho no palco até uma à outra ilustra o quão é inevitável elas encontrarem-se).

(Aproximam-se ligeiramente...)

Spencer: Spencer.

Emma: Sou a Emma.

(na penumbra)

Spencer: Guardei a minha vida toda dentro da tua respiração.

## Cena IV

Fama: Ai Spencer, Spencer...achas que és capaz de ter qualquer bom sentimento sem o destruíres? Eu sei o que estás a pensar...estás a pensar ir atrás dela não estás? Vais acabar por te resignar a voltar para mim, vais-me dar a tua alma de bandeja. Não tentes lutar contra mim Spencer, sabes que vais perder...sabes que não vais resistir-me, não sabes? Fui eu que estive lá a curar-te quando não estava mais ninguém...anda comigo...e quando vieres eu prometo-te uma coisa, vou ser boa para ti, meu amor, como sempre o fui, quando vieres a mim farei algo por ti: prometo que não sentirás nada a não ser paz. Quando te arrancar a alma do peito, será rápido e indolor.

Spencer: Cala-te.

Spencer: Sinto-me afogada nas tuas ilusões. Nas tuas falsas promessas ricas de nada, na maneira como tratas o meu coração como esquissos amarrotados. Dependo de ti duma forma obsessiva, não consigo respirar sem ti e respirar contigo faz-me cortes profundos no peito. Foi como se aprendesse a curar-me das cicatrizes que me deixas e a coser o meu peito em piloto automático, sem anestesia.

Fama: Não acreditas em mim? Não acreditas que sou eu quem te pode dar tudo aquilo que mais desejas? Um dia arrependes-te de não me teres seguido, arrependes-te de não me explorar com os teus sentidos. Ias chorar, morrer por mim.

Spencer: Vai-te embora, vai-te embora, vai-te embora, vai-te embora. (chora)

Fama: O tempo passa Spencer. E os ponteiros do relógio vão-te queimar por dentro.

(Luz baixa).



Spencer: Pede...

Emma: Não deixes que o medo te domine. (Põe a mão no coração de Spencer e põe a mão de Spencer no coração dela) Toca-me. Achas que isto não é real?

Spencer: Onde é que queres chegar?

Emma: A nós. (aproxima-se...)

Spencer: Desde e que existe ‘nós’, Emma? (Spencer começa a dar os primeiros sinais de pânico mas não se desvia).

Emma: Tudo aquilo que não dizemos com palavras dizemos com o nosso magnetismo intoxicante. Chega de assombrações Spencer. Olha para mim... não finjas que não entendes o que eu estou a falar. Falo de Amor.

Spencer: Um amor ridículo e utópico. Que só vive na tua cabeça. Eu não sou capaz de dar nada real a ninguém. Não te vou pegar a minha doença, não vou.

Emma: Cala-te, por favor. (nunca deixam de se olhar nos olhos, aproximam-se, as respirações alteram, Emma beija-a docemente, com calma).

(No final do beijo, Emma dá um beijo na testa a Spencer, Spencer fecha os olhos enquanto recebe esse beijo).

Spencer: (De repente quebra e explode, larga-a, põe as mãos na cabeça e entra em pânico, mas sem muito exagero) Não, não, não, não, não! Parem, calem-se! (Mãos na cabeça, está de novo a ouvir as vozes do passado e vira-se para Emma).

Tu não és real, nada na merda da minha existência alguma vez foi real. Acorda Spencer (fala para ela mesma). Não vou avariar-te, não vou. Vai-te embora, não me toques, não olhes para mim, sai daqui Emma. Vai-te embora!

Emma: Olha para mim. Não tenhas medo. Olha para mim.

Spencer: (Desvia-se) Não. Não posso, não me deixam, não sou capaz Emma. Eles não se calam, o meu cérebro precisa de internamento! Não vais para o abismo comigo, não

vais. Chega! Não te quero, não quero o teu coração, Não quero a tua alma, não quero nada.

Emma: Não acredito em ti.

Spencer:                    Desaparece-me                    da                    frente                    Emma.

## Cena VI

(fama bate palmas do cadeirão).

Fama: Parabéns, deixaste de ser fraca.

Spencer: O que é que estás aqui a fazer outra vez?

Fama: Vim aplaudir a tua primeira vitória. Não estás contente por finalmente haver alguém para te aplaudir? (riso sarcástico)

Spencer: Vens aqui fazer-me sentir um pedaço de merda ainda maior, não é? Força! Leva-me. Os pedaços do meu coração partiram-se com a Emma. De qualquer forma, já não me resta nada.

Fama: Nem te atrevas a pronunciar o nome dela. Daquela ingénua. Achas que é o sorriso dela que te vai curar? Já não tens cura, nem existe antídoto nenhum que te conserte.

Spencer: Deixa-me adormecer em paz, só por um tempo por favor. Viver sempre não te cansa? (diz irónica)

Fama: Convence-te que ela não é o teu pedaço de céu. Eu sou a tua salvação. És uma ingrata! Afoga-te nesse teu desespero. Talvez seja a tua solidão miserável que te mate de vez. Adeus.

Spencer: Não, não, não. (tenta alcança-la e agarra-a) Não me deixes sozinha...desculpa! (fama empurra-a para trás).

## Cena VII

(Corredor de luz na boca de cena. Emma entra pela esquerda baixa, primeiro larga moedas no chapéu do Carlos e vai ter com Spencer que está um pouco para a direita do centro do corredor de luz).

Spencer: Outra vez Emma? Vieste dizer-me que eu tenho razão finalmente?

Emma: Eu sabia que te ia encontrar aqui.

Spencer: Para com isso. Não sabes nada de mim.

Emma: Vejo-te e não te consigo alcançar. Deixa-me ficar aqui por favor. É um caminho...(Spencer interrompe-a)

Spencer: tão impossível de percorrer. Viemos acompanhadas com a merda das circunstâncias da vida.

Emma: Agarra a minha mão. (Mudança de atitude em Emma e puxa Spencer para ela bruscamente). Acredita nisto, respira isto.

Spencer: Eu vou partir-te o coração, como já me partiram o meu. Não me dês permissão para isso.

Emma: Confiava-to de olhos fechados.

Spencer: Não sabes o que estás a dizer. (ficam em silêncio a olhar uma para a outra em freeze)

Spencer: Vai embora, Emma! Vai embora, sai daqui!

Emma: Saio daqui? Saio daqui porquê? Não está aqui ninguém para me fazer mal.

Spencer: Emma, sai! Tens de partir. Vai embora, falamos depois Emma, sai!

Emma: Continuas a dizer-me adeus a todos os segundos quando eu sei que também estou colada á tua pele.(Emma sai) (Fama vai sentra-se no cadeirão).

Fama: Isso, deixa-te arder na fogueira, arde, arde devagar...

Spencer: Ela colou-se á minha pele. E não queima sabias? (pausa/mudança de atitude) E se fossem as tuas mãos a não conseguir tocar-me? lavo-te com ácido, para deixar um pouco de mim com a tua pele. E no final mergulho-te numa banheira cheia dele, queimo-te o peito, para ficarmos iguais. È isto que quer dizer intimidade para ti não é?

Fama: Vai-te Foder. Pareces uma fénix ao vento quando deixas assim os teus ossos á mostra do mundo. (irónica ri-se) Coloco-te o plástico á volta do pescoço, beijo-te os lábios até ver os teus olhos a esbracejar pelos últimos pedaços de ar, vais continuar a lutar?

Spencer: Eu quero saber... Quer dizer, eu acho que quero saber... Eu quero perguntar-te coisas mas, não sei se deva. È como se enchesse a boca com o meu próprio sangue para me impedir de produzir qualquer som que seja.

Fama: (ri-se ás gargalhadas) ai o que é está a acontecer á minha rapariga desafiadora? (pausa) como é que me enches o peito de ácido e depois queres ler-me? queres saber de mim? deixa-o, deixa voar o cisne negro que arrumaste em ti , deixa-o... arranca-lhe as cordas das asas. (rise de novo) E abraça-me, marca-me como se fizesse parte da tua pele.

Spencer: Porque é que não me acordas?

Fama: Queres dizer-me que não tens vontade de me tocar? serei realidade ou terei nascido a ferros, pela mão das tuas cicatrizes? o teu sangue queima-te as veias ao passar-te na pele... como vais respirar, sem respirar? como é que vais tirar o meu cheiro de ti? Admite, eu alicio-te, Admite, faço-te tremer, forço-te querer. Chega de luta.....

Spencer: Larga-me, deixa-me, leva-me, ajuda-me por favor.

## Cena VIII

(Luz no colchão. Está a fama deitada e apoiada sobre os cotovelos).

Fama: Estou tão cansada de queixumes. O ser humano é assim, um ser descontrolado. Se não está no fio da navalha então arranja maneira de estar, carregado de vertigens mentais, constantemente a queixar-se de estilhaços que tem no peito, mas sempre a achar que eles fazem todo o sentido juntos. Não há outra saída. Spencer, volta aqui! (volta a girar a pistola no chão. Para e olha para a pistola.) Mata-a.

Spencer: O quê? Estás louca? Para, cala-te. Preferia morrer.

(Fama ri)

Spencer: Espera... posso fazer-te uma pergunta?

Fama: Diz.

Spencer: Tu tens um nome? É uma pergunta completamente estúpida, depois de tudo isto acontecer, mas sinto necessidade de te atribuir um nome. Todas as coisas reais têm um nome.

Fama: Tu sabes o meu nome.

Spencer: Podias chamar-te "Sonho Partido". Mas isso nem sequer é um nome. Vejo um quarto de rostos inexpressivos a olhar insensivelmente para a minha dor. Vai-te foder por fazeres o meu peito sangrar tanto. (Fama olha para ela e ri-se irónica).

## Cena IX

(Luz geral).

Emma: Olá.

Spencer: Olá. Voltas-te, voltas sempre. (Sorri).

Emma: Prometi a mim mesma que não ia embora por mais que tudo se complicasse. Senti a tua falta.

Spencer: E eu a tua. Posso mostrar-te uma coisa? Vamos caminhar um pouco?

Emma: Vamos. Quem são aqueles com quem falas, Spencer? Às vezes parece que vivem mil almas dentro de ti.

Spencer: Tens medo? Medo de descobrires que posso não ser aquilo que o teu coração te canta?

Emma: Só tenho medo de não conseguir proteger-te do mundo. Por vezes nem eu sei explicar as canções que canta o meu peito. (Vão até à boca de cena). (Spencer tira o lenço que Emma tem na cabeça).

Spencer: Queres ver-me? Queres uma visita aos escombros da minha mente? Confia em mim. (Põe-lhe a venda nos olhos).

Emma: O que estás a fazer?

Spencer: Eu disse para confiares em mim.

Emma: Mas não me deixas sentir-te.

Spencer: Estou aqui. Sente isso e ouve todo este silêncio cru à volta, esta nudez. Ouve. Vais conseguir escutá-los.

Emma: Escutar o quê?

Spencer: O silêncio é a minha companhia.

Emma: Posso vestir-me de silêncio?

Spencer: O silêncio tem sido sempre o meu cair de pano durante toda a minha vida. Sempre estive rodeada de pessoas que não estavam ou de presenças mudas.

Emma: Tenho muita pena Spencer, mas...

(Spencer interrompe-a)

Spencer: Há vozes que nos salvam dos nossos silêncios (ficam em freeze).

## Cena X

(Fama entra pela porta do público e mantém-se junto deste).

Fama: Não acharam uma tentativa ridícula de uma vencida? Aposto que perguntam quem eu sou e o que faço ali. (aponta para a cabeça de Spencer) eu vivo em cada um de vocês, se me souberem dominar. Ofereço uma saída. Um fim indolor. Vendo apatias de paz, sinais tranquilos para sonhos partidos. E ela continua ali a resistir-me, afogada no lago de merda dos fantasmas dela. Morte, uma palavra que nos dá tanto medo, que parece que carrega o cheiro com ela da cada vez que a dizemos. Há almas, que já estão tão quebradas que limitam-se a ficar à espera de adormecer para sempre. Acreditam nisso? Eu sei que não, o ser humano luta sempre contra aquilo que é, inevitavelmente, definitivo. (Faz perguntas ao público mas não espera pelas respostas) Tens medo da morte? Já conhecestes alguém, que falar com essa pessoa era igual a falar contigo mesmo? Quem já quis adormecer para a eternidade porque não aguentava mais os fantasmas? (Ri-se de forma sedutora. Vai até Spencer e deita-se para a boca de cena com os braços a olhar para ela e fala) Por que esperas, anjo caído? Mata-a. És uma ingénua, meu amor, nunca te conseguirás vencer.

(Emma e Spencer saem de freeze)

Emma: Deixa-me gostar de ti, por favor.

## Cena XI

Spencer: Viro-me e inalo o teu cheiro, desce-me com rapidez pelas narinas e queima-me a garganta por dentro, parece que não levo mais de uma fração de segundo a sufocar. Fecho os olhos e luto para respirar. O que é que vejo quando fecho os olhos? Não consigo não expressar esta merda física, horrível saudade que o meu corpo sente de ti. És como heroína, o meu desejo irracional por ti só me mata. Vai-te foder por me fazeres sentir uma merda, vai-te foder por me fazeres necessitar desse teu amor cortante, dessa tua possessão sádica. Se eu pudesse amar-te-ia só a ti, meu rasgo de luz e deixava-me abraçar pelo aconchego da tua serenidade para sempre. Tomara que não me esqueça.

(Gale e fama estão sentados por trás de Spencer, cada um de um lado do colchão.)

Fama: O que é que te dá paz?

Spencer: O sorriso dela.

Fama: Resposta errada. A morte. Mata-a, só assim viverás em paz. Mata-a, prova-me que não estive incondicionalmente ao lado de uma inútil este tempo todo.

Spencer: Ela é o sítio de repouso onde nunca me irei deitar, não é?

Fama: Finalmente uma pergunta inteligente da tua parte. Recuso-me a dar-te respostas óbvias. Quando ela estiver morta tudo acaba, a tua dor acaba, todos os que vivem dentro de ti e te matam com cada silêncio e com cada palavra acabam. Vais viver com isso, sonhar com isso, lidar com isso, mas passado alguns dias ela vai continuar morta e já não te vais lembrar de nada, vais esquecer o nome dela, o sorriso dela, o cheiro dela e só vamos ficar nós.

Spencer: Entrega-me esse revolver e deixa-me sozinha.

Fama: Agora seremos só nós, meu amor.

(Entrega-lho e sai).

## Cena XII

(Abre um caderno e escreve, e diz em voz alta).

Spencer: Emma, para ti:

Quero deitar-me do teu lado para ficar ao mesmo nível do teu sono e dizer-te com palavras simples que tudo vai ficar bem, que nunca vou desaparecer de ti.

Preciso de ser real, preciso que me façam real, que me deem realidade. Tomara que não me esqueça.

“Sou o que chamam lei/Embora vocês me chamassem Marginal/Eu sou o que buscam e aquilo que conseguirem/Eu sou aquilo que espalharam/Agora recolhem os meus pedaços”.

Fama: Não era isto que eu estava a dizer. Para Spencer! Vais acabar com tudo, para!

### Cena XIII

Emma: (Sentada no colchão a escrever) E apanhei os pedaços que aquele coração deixou para trás. Estive presa durante muito tempo por um fio na vertigem do vazio. Abria os olhos e adormecia sem o coração que levou com ela. Falar contigo será sempre falar comigo (sorri) (luz baixa).

(No final, no corredor de luz atrás de Emma, entra Spencer vestida com as roupas de fama para ilustrar o descontrolo mental de todo o ser humano, algo que também passou para Emma, afasta-lhe o cabelo, beija-lhe o pescoço, olha o público e sorri.)

*Fim.*

## Anexo XI

# “Vertigem” (Versão SET)

Interpretações: Beatriz Silva, Brígida de Sousa, Ana Rita Xavier

Texto: Marta Vaz e Beatriz Silva

Cena 0:

*Emma e Spencer, conhecem-se. Cena de fisicalidade*

Emma- lembraste de todos os sons quando te encontrei junto ao rio?

Spencer- A água parecia gritar-me o teu nome.

## Cena I

Bri- Queimar a memória : correntes

## Cena II-

Spencer com gale. Brincadeiras remetidas á simplicidade. São interrompidos pela bri.

Spencer: Sabes eu, eu tenho uma coisa para te contar. Tu lembras-te daquela rapariga que eu te falei? Sim, sim ela, exatamente!

Eu tenho ido tomar uns cafés com ela, às vezes, sabes? Ok, eu tenho que te contar isto desde o início.

A primeira vez que eu a vi foi assim. Eu estava a caminhar, junto ao rio, eu estava simplesmente a observar, a ver o rio, a luz, a sentir o vento das árvores. E então, e então eu vi-a. E ela estava linda!

Eu vi-a e ela olhou para mim também! Os nossos olhos cruzaram-se ali. Ela aproximou-se de mim e eu, eu não conseguia mexer-me, sabes.

Como é que eu te vou explicar isto? Deixa ver. Já sei, já sei! Imagina.

Imagina que tens um gelado à tua frente. Sim, o sabor que tu quiseres! Queres morango? Não? Chocolate com baunilha? Não, chocolate? Ok, preferes só chocolate. Está bem.

Então tu tens um gelado de chocolate aqui, à tua frente. Tu tens muita fome Gale, muita fome mesmo!

Tu esticas a tua mão para chegar ao gelado, mas a tua mão para. Porquê? Porque tens um vidro à tua frente, que não te deixa chegar ao gelado.

Pois. Estás triste, não estás? Foi assim que eu fiquei.

Sabes, eu queria tocá-la, nem que fosse por um segundo porque ela estava mesmo ali, mas eu tentava dar um passo e a minha perna não avançava, eu tentava chegar-lhe com a minha mão, mas a minha mão parava ali. E tu por causa daquele vidro.

E eu fiquei tão triste. Eu fiquei tão triste porque ela era tão linda Gale. Ela era tão linda e eu, eu não sei o que fazer com isso. E para quê?

Bri- Vai-te embora.

*(bri interrompe e dirige-se até Spencer, gale sai automaticamente dela. Esta personagem também tem receio deste outro lado de Spencer)*

Spencer- Onde estou? Tu sabes onde estou?

É que eu não sei!

Vejo almas e corpos despegados uns dos outros, em fila, perante uma trituradora que os suga sem a mínima resistência.

Onde estou?

Spencer- FODASSE! O QUE É QUE TU QUERES?

Bri- Desculpa se te acordei.

Bri- Onde vais assim toda aperlaltada?

Spencer- Tenho um encontro.

Bri- Deixa-me retocar o teu batom.

Bri- Entristeces-me.

Bri- Assim o teu sorriso não fica tão pequeno.

Bri- Posso?

Spencer- Não. Arranha as pálpebras de vermelho.

Spencer- Achas que me ama?

Bri- Tu sonhas. Olha-me esse cabelo.

Spencer- O que sugeres?

Bri- Olha para mim e limpa as lágrimas que borras a maquilhagem.

Spencer- Eu não gosto de ti.

Bri- Não gostas de mim? E de ti?

Spencer - Cura-me! Quero que me cures!

Bri – las chorar, ias morrer por mim

(Bri sai para a regie)

### Cena III

“Beijo” Emma e Spencer

*Cena de fisicalidade sem texto. Vários quadros entre elas, sem a imagem do beijo tradicional, foco também nas respirações.*

*No final Spencer quebra o pico do momento intimo entre elas, com fisicalidade afasta-a. Momento de explosão e confusão.*

Emma- Toca-me, quero que me toques.

Spencer- Não.

Emma- O que é que queres de mim?

Spencer- Que aceites o que não tenho. Vai-te embora.

*(Bri bate palmas da regie, ri-se irónica. Emma sai.)*

Bri- Vim aplaudir a tua primeira vitória.

Spencer- O que é que estas aqui a fazer?

Bri- Estive no Deserto.

Spencer- Quem é que pensas que és?

Bri- como é que me fazes frente se eu não existo?

Spencer- Estás-me a dar conselhos?

Bri- Racional. Existe um segundo de uma parte em ti que não consigo dominar. Uma pessoa pode dominar a tua cabeça?

Spencer- Achas-te com capacidade para isso?

Bri- O que é te dá paz?

Spencer- O sorriso dela.

Bri- Resposta Errada, Morte, parece que carrega o cheiro com ela de cada vez que a dizemos, não é? Mata-a. Mostra-me que não me cravei á pele de inúteis.

Spencer- Ela é o sitio de repouso onde nunca me eide deitar, não é?

*(Bri desce da régie)*

#### Cena IV

Beijo Bri e Spencer

#### Cena V

Emma: Tens medo de mim?

És fruto da minha imaginação?

Perdes-te

quando

me

olhas?

Porque te perdes? Os meus olhos.  
Não, não te afastes! Os meus olhos afastam-te, não é?  
Não quero que te afastes! Não te afastes! Vem cá!  
Onde estás? Onde estás? (Entra Bri)  
Não me respondes? Porque não me respondes?  
Não respondes. Não queres responder?  
O que queres de mim?  
Eu gosto de ti. Eu quero-te, quero-te a ti.  
Queres perder-te? Perde-te comigo.  
Queres? Queres dar um mergulho comigo?  
O que é que estás a dizer? Fala mais alto!  
Já sei, são as minhas saias...assustam-te, não é?  
Tens medo de não regressar do nosso mergulho?  
Tens medo que te deixe à chuva?  
Marcaste-me a pele e eu marquei a tua?

Bri: Bri: Estás a ouvir-me?  
Tu não estás a ouvi-la pois não?  
Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?  
Tu não gostas dela, pois não?  
Tu sabes que sou eu que existo.  
Não olhes para ela, olha para mim.  
Sabes que sou eu que te domino!  
Estás a ouvir-me?  
Tu não estás a ouvi-la pois não?  
Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?  
Tu não gostas dela, pois não?  
Vais continuar a fugir de mim?  
Sabes que sou eu que existo.  
Não olhes para ela, olha para mim!  
Tu sabes que sou eu que te domino.  
Estás a ouvir-me?  
Tu não estás a ouvi-la pois não?  
Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?

Tu não gostas dela, pois não?  
Vais continuar a fugir de mim?  
Sabes que sou eu que existo.  
Não olhes para ela, olha para mim!  
Tu sabes que sou eu que te domino.  
Tu não estás a ouvi-la pois não?  
Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?  
Tu não gostas dela, pois não?  
Vais continuar a fugir de mim?  
Sabes que sou eu que existo.  
Não olhes para ela, olha para mim!  
Tu sabes que sou eu que te domino.

Spencer vai ilustrar com sons e movimentos tudo o que não consegue expressar verbalmente, até chegar ao silêncio

(Emma reage de alguma forma á presença da bri)

(Emma sai)

(Blackout)

“Spencer  
Eu sou a Emma”.

## Cena VII

*Momento de Fisicalidade, Emma ilustra o antes e o depois do suicídio de Spencer*

*Corrida a uma velocidade extrema, texto no final a ilustrar exaustão.*

Emma- “ Sou o que chamam lei, embora vocês me chamassem marginal, eu sou o que buscam e aquilo que conseguiram, eu sou aquilo que espalharam, agora recolhem os meus pedaços”

*Enquanto Emma diz o texto, Spencer e Bri caminham para a banheira. Morte.*

## **Anexo XII**

# **CATARSE**

(A Partir de *Vertigem*)

De Beatriz Silva e Marta Vaz

Elenco: Beatriz Silva, Brígida de Sousa e Mariana Duarte

## Cena 0

(Quando Emma diz “Perde-te comigo” entra texto da Bri (entenda-se Bri, neste texto como a mente da Spencer))

Emma: Porque é que foges?

Tens medo?

Estou aqui. Onde estás tu?

Fazes de propósito para nunca te ler?

Eu e tu, tu és real?

Porque é que não me tocas?

Eu sou real, sabias?

O que é que queres de mim?

Toca-me!

Porque foges de mim?

Porque foges dos meus olhos?

Fica comigo. Ficas comigo? Fica comigo.

Tens medo de mim?

És fruto da minha imaginação?

Perdes-te quando me olhas?

Eu sei que tu te perdes quando me olhas.

Porque te perdes? Os meus olhos.

Não, não te afastes! Os meus olhos afastam-te, não é?

Não quero que te afastes! Não te afastes! Vem cá!

Onde estás? Onde estás?

Não me respondes? Porque não me respondes?

Não respondes. Não queres responder?

O que queres de mim?

Eu gosto de ti. Eu quero-te, quero-te a ti.

Queres perder-te? Perde-te comigo.

Queres? Queres dar um mergulho comigo?

O que é que estás a dizer? Fala mais alto!

Porque é que tens a voz entalada?

Vais fugir?

Vais continuar a fugir-nos?

Deixa-me ouvir-te.

Porque foges de mim?

Já sei, são as minhas saias...assustam-te, não é?

Tens medo de não regressar do nosso mergulho?

Nada comigo. Nada comigo!

Eu estava à tua espera no rio. Esperas-te por mim?

Eu continuo à tua espera!

A quem respondes?

Responde-me a mim!

Com quem falas?

Fala comigo!

Que se passa?

Não achas que devias ter mergulhado?

Olha-me! Olha para mim!

Quero que me vejas! Não me vês?

Eu estou aqui. Eu estou sempre aqui.

Não queres olhar-me?

Gostas de mim?

De quem gostas tu? Gostas de ti?

Porque é que não te deixam mergulhar?

Quem é que não te deixa mergulhar?

Não queres mergulhar? Eu já lá estou! Eu estou sempre lá! Lá, lá no rio!

Não sabes nada, é isso, não é?

Porque é que não me consegues responder? Porque é que não me respondes?

Porquê?

Tens medo que te deixe à chuva. Tens medo, não tens?

Não tenhas medo, não te deixo. Não tenhas medo!

Não te deixo à chuva, eu não te deixo afogar. Eu não te deixo!

Não te deixo por nada!

Queres deixar-me?

Nunca me deixes. Eu nunca, nunca te deixo.

Marcaste-me a pele. Marquei a tua? Marquei-te?

Ficaste comigo, deixa-me ficar contigo.

Não me respondes?

Não vais responder, pois não?

Bri: Estás a ouvir-me?

Tu não estás a ouvi-la pois não?

Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?

Tu não gostas dela, pois não?

Tu sabes que sou eu que existo.

Não olhes para ela, olha para mim.

Sabes que sou eu que te domino!

Estás a ouvir-me?

Tu não estás a ouvi-la pois não?

Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?

Tu não gostas dela, pois não?

Vais continuar a fugir de mim?

Sabes que sou eu que existo.

Não olhes para ela, olha para mim!

Tu sabes que sou eu que te domino.

Estás a ouvir-me?

Tu não estás a ouvi-la pois não?

Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?

Tu não gostas dela, pois não?

Vais continuar a fugir de mim?

Sabes que sou eu que existo.

Não olhes para ela, olha para mim!

Tu sabes que sou eu que te domino.

Tu não estás a ouvi-la pois não?

Estás a ouvi-la a ela ou estás a ouvir-me a mim?

Tu não gostas dela, pois não?

Vais continuar a fugir de mim?

Sabes que sou eu que existo.

Não olhes para ela, olha para mim!

Tu sabes que sou eu que te domino.

## Cena 1

(Spencer rio)

Spencer: O meu olhar é um túnel, observo-te no presente e ele está deslocado, pareces-me estar a pedir esmola a quem tiraste a paz como se cada toque te saísse caro. Alguém crava as unhas na minha pele. Parece que estou sozinha. Sou eu? Acho que estou em dívida, uma dívida absurda que me torna numa cabeça obsessiva com mil vozes que me põem em xeque.

Eu vejo azul, vejo cinzento, vejo verde, vejo branco, vejo vermelho, vejo a tua boca a aproximar-se e a minha pele a tentar fugir, mas no meu interior há um orgasmo porque são as tuas mãos que me fecham os olhos.

Estou a falar com quem?

## Cena 2

(Imagens Emma e mãos)

## Cena 3

(Bri banheira)

Spencer: Estive no deserto.

Quem é que pensas que és?

Como é que me fazes frente se eu não existo?

Estás a dar-me conselhos?

Existe um segundo de uma parte de ti que eu não consigo dominar?

Como é que alguém muda a tua cabeça?

Achas-te com capacidade para isso?

Com quanta existência não te domino?

(Sussurro) E quando me deixares morrer, beija-me.

Spencer: Vai embora, vai embora, vai embora, vai embora...

(Blackout)

Spencer: Eu sou a Spencer.

## Cena 4

(Cena Spencer e Gale banheira)

Spencer: Sabes eu, eu tenho uma coisa para te contar. Tu lembras-te daquela rapariga que eu te falei? Sim, sim ela, exatamente!

Eu tenho ido tomar uns cafés com ela, às vezes, sabes? Ok, eu tenho que te contar isto desde o início.

A primeira vez que eu a vi foi assim. Eu estava a caminhar, junto ao rio, eu estava simplesmente a observar, a ver o rio, a luz, a sentir o vento das árvores. E então, e então eu vi-a. E ela estava linda!

Eu vi-a e ela olhou para mim também! Os nossos olhos cruzaram-se ali. Ela aproximou-se de mim e eu, eu não conseguia mexer-me, sabes.

Como é que eu te vou explicar isto? Deixa ver. Já sei, já sei! Imagina.

Imagina que tens um gelado à tua frente. Sim, o sabor que tu quiseres! Queres morango? Não? Chocolate com baunilha? Não, chocolate? Ok, preferes só chocolate. Está bem.

Então tu tens um gelado de chocolate aqui, à tua frente. Tu tens muita fome Gale, muita fome mesmo!

Tu esticas a tua mão para chegar ao gelado, mas a tua mão para. Porquê? Porque tens um vidro à tua frente, que não te deixa chegar ao gelado.

Pois. Estás triste, não estás? Foi assim que eu fiquei.

Sabes, eu queria tocá-la, nem que fosse por um segundo porque ela estava mesmo ali, mas eu tentava dar um passo e a minha perna não avançava, eu tentava chegar-lhe com a minha mão, mas a minha mão parava ali. E tu por causa daquele vidro.

E eu fiquei tão triste. Eu fiquei tão triste porque ela era tão linda Gale. Ela era tão linda e eu, eu não sei o que fazer com isso.

(Entre a cena 4 e a cena 5, imagem da Bri no rio)

## Cena 5

(Spencer e Bri banheira)

Spencer: O que é que tu queres?

Bri: Desculpa se te acordei.

Bri: Onde vais assim toda aperaltada?

Spencer: Tenho um encontro.

Bri: Entristeces-me.

Bri: Deixa-me retocar o teu batom, assim o teu sorriso não fica tão pequeno.

Bri: Posso?

Spencer: Não! Arranha as pálpebras de vermelho.

Spencer: Achas que me ama?

Bri: Olha-me para esse cabelo.

Spencer: O que é que sugeres?

Bri: Olha para mim e limpa as lágrimas que borras a maquilhagem!

Spencer: Eu não gosto de ti.

Bri: Não gostas de mim? E de ti?

Spencer: Cura-me! Quero que me cures!

Bri: las chorar, ias morrer por mim.

## Cena 6

(Spencer e Emma discoteca)

(Imagens delas na discoteca com luzes e música, depois corte da música quando as duas se encontram frente a frente num momento de constrangimento. Beijo com as mãos, separam-se, texto)

Spencer: Que caiam as folhas das arvores sobre mim com a dureza do granizo se te digo que não te quero, mas mesmo com essa dor a estalar-me a pele, não consigo abrir a boca para te confessar a verdade do meu coração.

Que me gelem os lábios se te faço acreditar que o teu beijo me enfastia, mas aguento esse frio para não te arrastar para a impureza do meu íntimo.

Que as minhas mãos paralistem se mostro repulsa ao teu toque, mas não as sentir é melhor do que cada gesto condenado.

Perdoa-me por fracassar, perdoa-me por te anular mesmo quando te vejo de olhos fechados.

(Entre a cena 6 e a cena 7, imagem Bri com fumo do cigarro)

## Cena 7

(Cena cigarro e discussão entre Spencer e Emma)

## Cena 8

(Corrida)

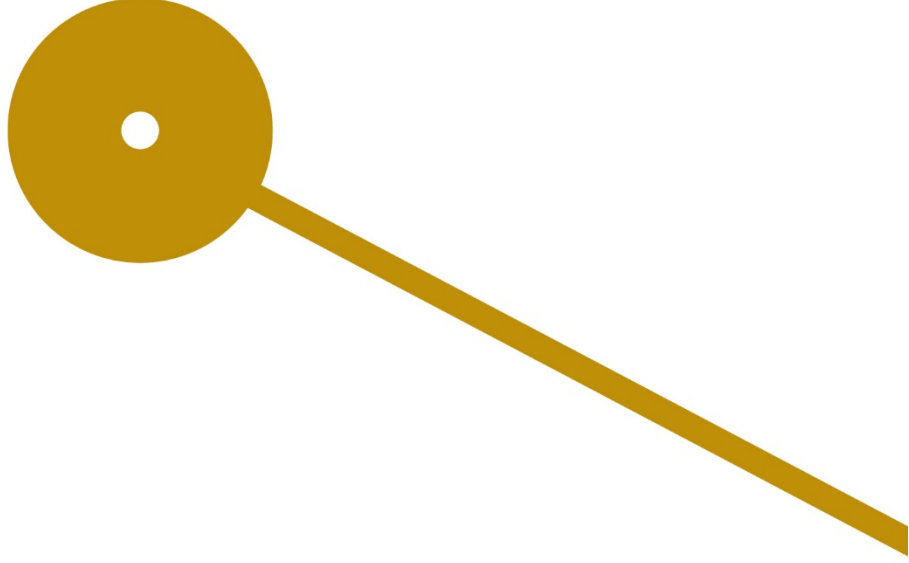
Emma: “Sou o que chamam lei/embora vocês me chamassem marginal/sou o que buscam e aquilo que conseguiram/sou o que espalharam e agora recolhem os meus pedaços”.

## Cena 9

(Confronto Spencer e Bri, beijo e morte)

ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO



**M**

MESTRADO  
TEATRO  
ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Vejo os Olhos que a Viram  
Marta Vaz Ferreira